

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA -
PPGA

RENATA RENNÓ NUNES

TERREIRO DE UMBANDA EM ARACAJU: ANÁLISE DAS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS CONFLITIVAS

Orientador: Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi

São Cristóvão/SE
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA -
PPGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

São Cristóvão/SE
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Nunes, Renata Rennó
N972t Terreiro de umbanda em Aracaju : análise das relações
interpessoais conflitivas / Renata Rennó Nunes ; orientador
Hippolyte Brice Sogbossi. – São Cristóvão, 2016.
107 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2016.

1. Antropologia. 2. Religião e sociologia. 3. Umbanda -
Aracaju (SE). 4. Conflito interpessoal. I. Sogbossi, Hippolyte Brice,
orient. II. Título.

CDU 392:291.21(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA



RENATA RENNO NUNES

**" RELAÇÕES INTERPESSOAIS CONFLITIVAS: ANÁLISE DE UMA
HISTÓRIA DE VIDA EM UM TERREIRO DE UMBANDA SITUADO
EM ARACAJU-SE, ENTRE OS ANOS DE 2014 E 2015."**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 29. 08. 2016

Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (Orientadora/Presidente)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

Prof. Dr. Jonatas Silva Meneses
Programa De Pós-Graduação Em Ciências Da Religião/UFS

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016

Pisa na linha de Umbanda
Que eu quero ver
Ogum Sete Ondas
Pisa na linha de Umbanda
Que eu quero ver
Ogum Beira Mar
Pisa na linha de Umbanda
Ogum Iara, Ogum Megê
Olha a Umbanda, Ogum iê

Ponto de Ogum

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi, pela leitura atenciosa e comentários cuidadosos;

Aos Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael e Prof. Dr. Jonatas Silva Meneses, pelas contribuições na qualificação;

À Fapitec, por ter concedido a bolsa de estudos que permitiu minha dedicação exclusiva no mestrado;

À minha família, pelo apoio incondicional;

Ao Fábio, por ter permitido a pesquisa e ter me ajudado em muitos momentos;

Aos integrantes do terreiro, por terem aceitado as entrevistas e me ensinarem muito sobre a umbanda;

À Dra. Elisabeth, pelo apoio e amor com que tem me conduzido durante todo o tempo;

À Carmen, pela amizade sincera que muito me ajudou esse tempo todo;

À todos os amigos e amigas que estiveram comigo durante a minha pesquisa.

RESUMO

O trabalho visa analisar a história de vida do dirigente de um terreiro de umbanda. Sua história se confunde com a história do terreiro, e após suas vivências em outras religiões, busco entender como ele organiza o terreiro e suas influências, e a partir de entrevistas gravadas, entender como (e se) acontecem conflitos e como eles interferem nos rituais. No trabalho de campo, contei com filmagens, gravações e conversas informais, além da minha observação no terreiro. Com os dados coletados, pude analisar através dos conceitos de conflito, poder e liminaridade como se dão as relações no terreiro, e principalmente, como o dirigente vê os conflitos e como se movimenta entre os grupos. Este trabalho teve duas etapas: minha primeira inserção no terreiro, de abril até setembro de 2014 e de março até outubro de 2015. Esse hiato de tempo foi importante para que o levantamento bibliográfico estivesse conversando com minhas vivências, o que fez muita diferença. Apesar de nem sempre conseguir entrevistar todos os participantes que eu queria, as entrevistas me deram subsídio para que eu percebesse que o grupo se mantém, apesar dos conflitos, e que Fábio não define claramente os grupos, o que parece ativar mais os conflitos. O estudo da história de vida de Fábio mostrou como sua vida e a formação do terreiro se confundem, e apresenta novas inserções do dirigente na umbanda, como a Jurema e o Daime. A umbanda, pelo fato de ser uma religião que se baseia na oralidade, faz com que cada terreiro tenha suas regras, mas Fábio traz a religião de uma forma particular, acrescentando um pouco das religiões pelas quais passou para a umbanda.

Palavras-chave: Religião, umbanda, relações, poder, conflitos.

ABSTRACT

Abstract

The work aims to analyze the life story of the leader of a "terreiro de Umbanda", keeping in mind that interpersonal relationships are what keep the group together. His story is intertwined with the history of the "terreiro", and after his experiences with other religions, I seek to understand how he organizes the "terreiro" and its influences, and from recorded interviews, understand how (and if) conflicts happen and how they interfere with rituals. In the field work, I made use of filming, recording and informal conversations, besides my observation in the "terreiro". With the collected data, I analyze through the concepts of conflict, power and liminality how the relations happen in the "terreiro", and especially how the leader sees the conflicts and how he interacts with different groups. This work had two stages: my first insertion in the terreiro, from April to September 2014 and from March to October 2015. This gap of time was important for the literature to relate with my experiences. Although I could not always interview all the participants I wanted, the interviews gave me subsidy for me to realize that the group remains tight, despite the conflicts, and that Fabio does not clearly define the groups, which seems to trigger more conflicts. The study of Fabio's life story showed how his life and the formation of the terreiro are mixed, and bring new elements to the Umbanda, as Jurema and the Daime. Umbanda, as a religion based on orality, makes that every yard has its particular rules, but Fabio brings new elements to the religion in a particular way, adding a bit of each religion through which he passed in Umbanda.

Keywords: History of life, religion, Umbanda, relationships, conflicts.

SUMÁRIO

Introdução	01
Definições dos Capítulos	06
Sobre o Trabalho de Campo	07
Capítulo 1 História de vida de Fábio.....	08
1.1 Breve contextualização sobre a origem da umbanda.....	11
1.2 Percurso histórico do terreiro, segundo relato de Fábio	15
1.3 Influências kardecistas nos rituais do terreiro	20
1.4 Contato de Fábio com o Santo Daime	22
1.5 O Evangelho no terreiro	28
1.6 Transição do Fábio para o Candomblé.....	33
1.7 As Giras.....	41
Capítulo 2 – As personagens do terreiro e seus conflitos	45
2.1 Entrevistas.....	46
2.2 Relevância do conflito e poder para a coesão do grupo e o conceito de liminaridade.....	70
2.3 Considerações Finais.....	89
3 Referências Bibliográficas.....	92

Introdução

*Avante filhos de fé,
Como a nossa lei não há...
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá !*

Hino da umbanda

Meu interesse pela Antropologia deu-se pelo âmbito religioso, por suas ricas simbologias e pela relação do homem com o santo. Através de um passeio na cidade de São Cristóvão, SE (quarta cidade mais antiga do Brasil), pude conhecer a Igreja Senhor dos Passos, que me impressionou principalmente por abrigar o Museu dos Ex-Votos. Uma face da relação do fiel com o santo estava concretizada nos objetos depositados no Museu, objetos esses que traziam súplicas e agradecimentos. A partir daí, iniciei um pré-projeto intitulado Religião, Fé e Cura: as representações simbólicas de devoção na Igreja Senhor dos Passos, São Cristóvão/SE, de 2010 à 2015.

O pré-projeto que apresentei na seleção do mestrado acabou sendo deixado de lado no momento em que comecei a frequentar, por curiosidade, um terreiro de umbanda, religião que sempre quis conhecer. Após minha primeira ida ao terreiro, tive certeza de que lá estava o meu novo objeto de estudo. Leiga e maravilhada com tudo o que via, percebi certa aproximação em relação à estética do catolicismo popular dos ex-votos com cores e imagens do terreiro de umbanda. De acordo com Lody:

“Os ex-votos, ainda na região Nordeste, são evidentes exemplos da plástica africana, ora em revelação étnica imediata, ora reformulada em intenções devocionais e de culto religioso católico, indicando sempre a ação e o pagamento do milagre ao santo” (LODY, 2006, p.37).

A citação de Lody remeteu-me à minha visita ao museu dos Ex-Votos e à Igreja Senhor dos Passos (São Cristóvão-SE) em que me impressionou as imagens, pois os coloridos e os formatos dos objetos me apresentavam o catolicismo popular, muito próximo das religiões afro-brasileiros.

Além de traços e cores, a relação próxima entre entidades e filhos de santo também me lembrou a relação entre fiel e santo católico materializada no ex-voto. Pude observar no Museu dos Ex-Votos, algumas cartas que continham confissões e desabafos dos fiéis, o que para mim demonstrava que estava estabelecida ali uma relação de intimidade. Percebidas algumas semelhanças, achei curioso como o momento sagrado na umbanda

concentrava elementos que, para mim, se aproximavam do profano, como as músicas e risadas, comportamentos sensuais e provocativos e até a presença de fumo e bebida alcóolica (como nas giras¹ de Pomba Gira, Exu, Marinheiro, Caboclo e Preto Velho). Enfim, um ritual que parecia mesclar o profano e o sagrado. As entidades quebram o conceito cristão de sagrado quando trazem objetos e atitudes mundanas para o centro da gira. Mary Douglas (2010, p.20) nos conta que não há essa separação entre sagrado e profano como acreditamos, que o sagrado deve ser protegido e isolado, eles não estariam em “polos opostos”. Douglas (2010, p.21) nos mostra que “santidade e não santidade afinal não necessitam sempre ser opostos absolutos. Podem ser categorias relativas”. Já para Eliade (1992), o sagrado ficaria em pólo oposto ao profano. O sagrado se manifestaria “de algo de ordem diferente” do nosso mundo natural, profano (1992, p. 13). Para o autor, o sagrado apareceria nas hierofanias (ato de manifestação do sagrado) (1992, p.17). Quando há a manifestação das hierofanias, há também uma ruptura na homogeneidade do espaço. Já para o homem não-religioso, o espaço profano é homogêneo, apesar do autor considerar que essa “existência profana jamais se encontra em estado puro” (1992, p.18), pois para o homem não-religioso, os lugares sagrados seriam aqueles carregados de sentimento, como por exemplo, a casa onde nasceu.

Para Douglas (2010, p.13), a ordem social é mantida por perigos que ameaçam os transgressores:

Essas crenças-perigo são tanto ameaças que um homem utiliza para coagir um outro, como são perigos que ele próprio teme incorrer por lapsos de retidão. Elas são uma linguagem forte de exortação mútua. Nesse nível, as leis da natureza são introduzidas para sancionar o código moral (...). Logo, achamos que certos valores morais são mantidos e certas regras sociais são definidas por crenças em contágio perigoso, como quando se considera que o olhar ou contacto de um adúltero provocam doença em seus vizinhos ou filhos. (DOUGLAS, 2010, pp.13-14)

Leach (1983) diz que o tabu separa as coisas, ele é sagrado. “Tudo o que é tabu é sagrado, valioso, importante, poderoso, perigoso, intocável, imundo, infando” (LEACH, 1983, p.180). Nos exemplos dos três autores, temos o distanciamento que o sagrado impõe, a divisão de mundo mesmo para os não-religiosos.

¹ Giras: Momento do ritual em que se faz um círculo com os integrantes da casa, os homens de um lado e as mulheres de outro e deixa-se um espaço para que os médiuns possam incorporar e dançar, dentro do círculo.

Um exemplo da proteção ao sagrado na presente pesquisa foi quando um integrante disse que preferia trocar de roupa no terreiro para que as pessoas não o chamassem de “macumbeiro”. Além dessa explicação, podemos entender também que a roupa usada no terreiro não deveria ficar exposta, sendo utilizada somente no local sagrado. Apesar desse sigilo ao sagrado, é possível perceber nas redes sociais uma maior abertura dos “filhos de santos”. Notei que individualmente algumas pessoas do terreiro não se apresentam como umbandistas, mas quando estão em grupo, a força da coesão faz com que se identifiquem como umbandistas.

Quando os fiéis chegam no terreiro, passam por uma “defumação²”, pois acabaram de chegar da rua e poderiam trazer energias negativas. Todos se preparam para entrar no ambiente sagrado e ter contato com seres sagrados, o que faz com que os alimentos tocados por esses seres sagrados se transformem também em alimento sagrado, que dará boa sorte a quem comê-lo.

A umbanda apresenta uma relação entre o sagrado e o profano. O profano passa a ser sagrado, como por exemplo, a bebida que a Pomba-gira bebe e oferece para nós como forma de nos abençoar, de receber o “axé” através da bebida alcoólica que ela está segurando.

A não definição como umbandista foi um ponto comum que percebi em muitas pessoas com quem eu conversava informalmente em locais públicos, como em salão de beleza, academia, consultório médico... Sempre que perguntava qual a religião que a pessoa seguia, ou se seguia alguma, quando ela era umbandista sempre se identificava como espírita. Após conversarmos e eu falar meu objeto de estudo, a pessoa ficava mais à vontade e começava a contar sua experiência na religião, mas sempre falando mais baixo, como que não querendo chamar a atenção, o que compreendo pois muitas vezes, quando conversei com católicos ou evangélicos, alguns garantiram que tanto a umbanda quanto o candomblé fazem trabalho para o mal, e se eu não presenciei é porque os trabalhos são feitos após a meia noite ou escondido.

Mesmo no espiritismo kardecista parece haver, ainda hoje, uma certa resistência com as religiões afro-brasileiras. Em centros espíritas que visitei, perguntei o que

² Defumação: Ervas que são queimadas formando fumaça, e essa fumaça é passada em volta de todas as pessoas presentes no terreiro como forma de limpeza.

achavam da umbanda e a resposta mais ouvida foi que as entidades trabalhadas nesta religião ainda estavam em desenvolvimento. A entidade da umbanda que é mais vista com bons olhos, nas minhas experiências, era o preto velho.

O terreiro estudado tem por volta de 50 integrantes fixos, e combina as vertentes religiosas que o dirigente passou, e esse pode ser um motivo para a permanência dos fiéis, que frequentam a umbanda e a Casa Sagrada, que é onde se realiza o Daime (a Casa Sagrada fica em outro terreno, não é no mesmo terreiro de umbanda). A fragmentação de cultos na umbanda faz com que mais fiéis se unam ao grupo, pois essa diversidade traz simpatizantes tanto da umbanda quanto do Daime e do Candomblé.

Esse terreiro chamou minha atenção por conta das experiências relatadas por seus integrantes, que unem algumas vertentes religiosas, o que parece agradar a maioria dos seus adeptos. Tanto o Daime, quanto a Jurema e o Candomblé, fazem parte do terreiro de umbanda, mas de forma fragmentada, e isso traz uma experiência única para seus integrantes.

O objetivo da pesquisa é analisar a história do dirigente do terreiro de umbanda visando entender as possíveis relações conflitivas que ali operam. Como objetivo específico, pretendi analisar: 1) como a umbanda é vista pelos seus adeptos; 2) se os conflitos (caso haja) interferem nos rituais do terreiro; 3) como é a relação entre o dirigente e os integrantes do terreiro.

A hipótese é de que a história do dirigente retrata o início de um terreiro com variadas influências, e que o dirigente não influenciaria sobre os diversos conflitos ocorridos em seu terreiro.

As entrevistas foram realizadas na segunda etapa do trabalho (2015), quando eu pude perceber como funcionava a dinâmica do terreiro e, por consequência, quem eram os atores importantes para mim. Também precisei de tempo e uma certa intimidade para conseguir conversar um assunto tão delicado como são as intrigas, brigas e desavenças na casa.

Em todas as entrevistas que fiz, sempre no início eu pedia para os entrevistados comentarem um pouco sobre suas entradas na umbanda e no terreiro. Em todos os casos, os entrevistados falavam longamente sobre como a umbanda mudou suas vidas. Um integrante chegou a dizer que existe um “eu” antes e outro “eu” depois da umbanda.

Para as entrevistas, escolhi pessoas que eu já tinha alguma intimidade ou que eu achasse fundamental para o estudo. Nem sempre todos estavam disponíveis, e por se tratar de um tema muito delicado, muitas vezes comecei as entrevistas “jogando” algumas informações para ver se assim, conseguia ter mais intimidade com o entrevistado e uma conversa mais leve, menos formal e consequentemente, mais confidencial. Apenas com uma integrante não consegui manter o clima de confiança na entrevista, ela permaneceu falando o quanto a umbanda tinha sido importante na vida dela, o quanto a casa era maravilhosa e o dirigente atencioso. Essa entrevistada em particular, eu achei que teria mais dificuldade em conseguir alguma informação por considera-la mais “radical”, uma pessoa que parece não ver nenhum defeito na religião nem na casa, aceitando tudo o que é falado. Interessante que quando comecei a falar sobre os conflitos, ela pareceu-me irritada, pontuou que esse era um olhar meu e não condizia com a verdade, e por fim, pediu para que eu “estudasse mais”.

Com os outros pesquisados, consegui maiores informações, sempre comprometendo-me a não revelar suas identidades. Com Fábio, o dirigente, tive várias conversas e a princípio, quando falei sobre os conflitos ocorridos no terreiro, ele disse não perceber e quis saber mais. Para mim estava óbvio que ele sabia sobre o que eu falava, mas esperou que eu comesse a falar para saber até onde iam minhas informações. No fim, ele acabou revelando muitas coisas importantes para o meu trabalho.

A metodologia aplicada foi o etnográfico, e para isso lancei mão de recursos como as gravações das entrevistas, filmagens e observação direta. Nas filmagens, pude analisar alguns conflitos relatados nas entrevistas, observando como se davam as giras e a relação entre os médiuns. Por exemplo, uma integrante que era acusada de “fingir a incorporação” era observada a todo momento por alguns integrantes da gira. Também foi interessante observar o desenvolvimento de médiuns iniciantes, suas dificuldades iniciais e mudanças conforme foram ficando mais seguros em suas incorporações. As entrevistas foram todas gravadas, apenas uma participante, no início da minha pesquisa, não aceitou que eu gravasse e pediu para que eu anotasse tudo pois ela ficava receosa de falar algo que não pudesse ser dito.

Nas entrevistas, é possível entender como o ator traduz suas experiências de vida as ressignificando, pois a memória ressignifica dados do passado com os do presente, trazendo uma nova interpretação e linearidade para os acontecimentos. Ricoeur (1994,

p.12) diz que é através da narrativa que “reconfiguramos nossa experiência temporal confusa”. O autor diz que o conhecimento sobre si mesmo é uma interpretação e que na narrativa, encontra uma “mediação privilegiada”, o que pode fazer da história contada pelo entrevistado uma história fictícia. Citando Carvalho:

As experiências, ao serem contadas, transpõem a vida para o registro da narrativa, transformam-se em textos e passam a ser reguladas pelas regras de gênero e convenções que regem esse domínio. Dessa forma, por exemplo, o narrador do auto-relato não coincide completamente com o personagem que protagoniza a ação, a começar por não compartilhar com este as condições de espaço e tempo. Com isto destaca-se a disjunção entre o sujeito que narra (narrador) e o foco narrativo, mesmo que na autobiografia se trate de um foco em primeira pessoa, do tipo *eu-protagonista*. (CARVALHO, 2003, n.p.)

O ato de passar a narrativa para o texto também trará mudanças, pois não sabemos os tons que nos são informados na narrativa oral. Ricoeur diz que para entender o discurso, o sujeito precisa ter estado lá. O autor propõe uma relação necessária entre o texto e o mundo. Para ele, para um discurso se tornar texto precisa se transformar em algo autônomo, retirado do contexto. Um texto não pode ser interpretado como é lido.

Outro passo para a construção da pesquisa foi fazer o levantamento bibliográfico sobre a umbanda e as religiões em que o dirigente transitou, depois parti para a pesquisa etnográfica, utilizando a observação participante com as visitas sistemáticas ao terreiro, entre abril de 2014 e outubro de 2015, filmando alguns ritos e participando também dos momentos de socialização do terreiro. Inclusive acompanhei o dirigente nos rituais do Santo Daime (outra religião em que ele também preside) e do candomblé. Depois fiz as entrevistas, tanto com o dirigente como com os integrantes do terreiro de umbanda. As entrevistas nem sempre foram fáceis de conseguir: muitos desmarcavam, outros me deixavam mais de quatro horas aguardando, enfim, acredito que tudo isso faça parte da pesquisa. Após essas etapas, voltei ao “gabinete” para fazer a análise dos dados obtidos.

Acredito que a importância do tema se deva ao escasso material sobre história de vida na umbanda em Aracaju na área de Antropologia. Além disso, as questões sobre poder e conflito nesse ambiente também são análises poucos exploradas na cidade.

A umbanda é uma religião com influências diversas, e o terreiro estudado, além de sofrer grande influência do kardecismo (principalmente), do candomblé e da jurema, também inclui o Daime em alguns rituais. Apesar disso, o dirigente não considera os rituais da casa como sendo de umbandaime, pois para ele, uma gira de umbandaime é uma gira dentro do ritual do Santo Daime e não no terreiro, além de (o umbandaime) não

aceitar todas as entidades que são aceitas na umbanda, somente caboclos e pretos-velho. A gira que acontece no terreiro estudado e que eventualmente conta com a ingestão do Daime ou da Jurema, para o dirigente é apenas umbanda, o que não é de fato um problema, pois essas religiões vêm trazendo o sincretismo religioso em seus ritos.

Definições dos Capítulos

O primeiro capítulo abrangerá breves discussões sobre o surgimento da umbanda através de pesquisa bibliográfica, tendo como principais autores: Roger Bastide, Patrícia Birman, Reginaldo Prandi, Diana Brown, Renato Ortiz e Maria Helena Concone. Também contarei a história do dirigente do terreiro estudado, que aqui chamarei de Fábio³, e por consequência, do terreiro estudado, como surgiu, como foi seu crescimento, a inserção das ervas de poder (Jurema e Ayahuasca) nas giras (inserção essa que divide alguns poucos integrantes e aproxima outros) e a transição de Fábio para o candomblé, que estava para acontecer em 2015 mas que ele preferiu deixar para 2016 por sentir que a umbanda ainda precisava dele.

O segundo capítulo será reservado para as transcrições das entrevistas feitas com alguns dos integrantes do terreiro (foram dez entrevistas), logo após, sua análise, em que usarei autores como Bourdieu (1989), Simmel (1983), Van Gennep (2011), Turner (1974) e Foucault (1979). Tentei coletar mais entrevistas, mas alguns personagens que considerei fundamentais para o meu trabalho não estavam tão disponíveis como pareceram estar, a princípio todos aceitam dar entrevistas, mas depois sempre surge algum imprevisto e desmarcam. Uma das personagens que não consegui entrevistar, Joana, se faz presente a partir das falas dos outros integrantes.

Sobre o Trabalho de Campo

O estilo do texto se define em função do objeto e do tipo de análise que se pretende — e talvez seja da consciência dessa flexibilidade mais do que de receitas textuais que nós precisemos. Segundo eu o vejo, faz parte do novo papel do antropólogo/autor a busca do estilo que melhor se adapte aos seus objetivos, a definição crítica desses objetivos, e a responsabilidade pelas suas escolhas (CALDEIRA, 1988, p.157).

³

Todos os nomes são fictícios.

As observações que fiz sobre os conflitos em campo foram muito discutidos durante o curso de mestrado por preocupar-me em ser ética com os integrantes do terreiro ao mesmo tempo em que esse fato não poderia afetar a pesquisa. Como bem avaliou DaMatta (1978), quando saímos das bibliotecas e passamos a lidar com pessoas, outras questões nos são apresentadas:

“(...) Nesta etapa ou, antes, nesta dimensão da pesquisa, eu não me encontro mais dialogando com índios de papel, ou com diagramas simétricos, mas com pessoas. Encontro-me numa aldeia concreta: calorenta e distante de tudo que conheci. Acho-me fazendo face a lamparinas e doença. Vejo-me diante de gente de carne e osso. Gente boa e antipática, gente sabida e estúpida, gente feia e bonita. Estou, assim, submerso num mundo que se situava, e depois da pesquisa volta a se situar, entre a realidade e o livro. É vivenciando esta fase que me dou conta (e não sem susto) que estou entre dois fogos: a minha cultura e uma outra, o meu mundo e um outro. De fato, tendo me preparado e me colocado como tradutor de um outro sistema para a minha própria linguagem, eis que tenho que iniciar minha tarefa. E então verifico, intimamente satisfeito, que o meu ofício—voltado para o estudo dos homens — é análogo à própria caminhada das sociedades humanas: sempre na tênue linha divisória que separa os animais na determinação da natureza e os deuses que, dizem os crentes, forjam o seu próprio destino.” (DaMATTa, 1978, p.2)

Para além deste questionamento, a todo momento refleti sobre a minha visão sobre o campo, até que ponto as minhas vivências estariam influenciando a pesquisa, mas acredito que inevitavelmente eu interfira no texto, afinal, sou eu quem observa, escreve, edita e repensa o texto. Citando Peirano “Toda vez que elegemos um interlocutor, deixamos a descoberto alguns traços característicos nossos”. (1995, p.48). Segundo a mesma autora, é através do confronto entre o trabalho de campo e as leituras que desenvolvemos a sensibilidade para uma boa pesquisa. E ainda pode ocorrer “uma reestruturação da visão de mundo dos pesquisadores” (Peirano, 1995, p.50), assim como diz Oliveira (2006, p.33), a etnografia é um processo de auto análise para o antropólogo, fato que senti em minhas idas ao terreiro, a descoberta de um novo universo que me encantou e reformulou minha visão não só sobre religião, mas sobre mim e sobre o outro. Enfim, são muitas novas influências e sensações que por um momento me imobilizaram, passei por uma autoanálise até perceber que esse também pode ser o caminho para uma pesquisa.

Passei muitos finais de semana no terreiro e os movimentos, os olhares e o não-dito acabaram sendo fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e das entrevistas. Como os conflitos são sempre algo que a princípio todos negam, foi através das minhas

constatações que pude colocar algumas questões para os entrevistados, quando estes negavam qualquer atrito no terreiro.

Esse grupo foi estudado levando em consideração que foi um recorte de tempo (2014-2015), período em que eu estive no terreiro. Pensando nas considerações de Oliveira (2006, p.27), ainda há as edições que fazemos ao escrever um texto, a linha de raciocínio que é necessária a um texto acadêmico e que por vezes altera os eventos acontecidos e presenciados pelo antropólogo. O olhar do antropólogo é um olhar “disciplinado”, o objeto já está contaminado por toda a leitura do pesquisador. Por isso, na segunda fase da pesquisa, o trabalho de campo sofreu alterações e minha inserção em campo foi uma nova experiência. Hélio Silva (2009, n.p.) fala que a etnografia é um olhar que revê, olhar organizando. A antropologia é uma ciência aberta e o objeto de estudo está sempre passível de reinterpretações, o que de certa forma nos liberta ao mesmo tempo que nos pesa a obrigação de uma rica e “completa” etnografia, o que sabemos, afinal, que nunca se esgotará. Para Magnani (2009, p.149), experiência etnográfica é diferente de prática etnográfica, prática é programada, contínua, e a experiência é descontínua, imprevista, e ambas dependem entre si. Um fato já detectado por um antropólogo pode, posteriormente, ser o momento de “insight” que o olhar atento da continuidade do campo traz, aparecendo como um modelo novo de entendimento; não nos importa tanto a quantidade de detalhes em uma etnografia, pois fragmentos trazidos do campo que inicialmente podem parecer “soltos” são informações que possibilitam uma nova leitura sobre a pesquisa.

Nas minhas anotações e gravações percebi a importância de analisar posteriormente os dados coletados. Em uma entrevista gravada com o dirigente, por exemplo, eu tinha ignorado alguns fatos importantes que ele disse, e só percebi a relevância do assunto (e de como não posso deixar de fazer anotações e gravações) em um outro dia, com outras leituras em mente.

(...) a interpretação que se constrói sobre análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontram. A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário. (...) (Cardoso, 1986, p.101)

Assim aconteceu com as filmagens que fiz das giras, só posteriormente, analisando-as em casa, é que percebi como alguns integrantes se portavam, inclusive os integrantes acusados de não estarem incorporados.

Algumas giras foram filmadas (cinco) para que eu pudesse analisá-las, outras filmagens aconteceram por pedido de alguns integrantes que queriam ver como se davam suas incorporações.

Capítulo 1 História de vida de Fábio

*Meu pai Oxalá é o rei venha me valer
E o velho Omulu atotô abaluaê
atotô baluaê atotô babá atotô é orixá*

Ponto de Oxalá

1.1 Breve contextualização sobre a origem da umbanda

A seguir serão expostos alguns dados gerais sobre a umbanda, que é a religião que define o terreiro estudado, ainda que outras influências perpassem os rituais e a própria história de Fábio como comentaremos adiante.

Em 2010, o censo brasileiro contava com 407.331 umbandistas declarados, enquanto que no ano 2000 o número era ligeiramente menor, 397.431. Comparado ao crescimento evangélico, o crescimento umbandista registrado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) foi ínfimo.⁴ Em um artigo sobre o censo e notícias sobre a umbanda nos últimos 50 anos do século XX, Maria Helena V. B. Concone (2014 p.78) diz: “(...) os dados censitários nos colocam inúmeras questões e nos dão um quadro “bem comportado” da realidade, que, visto de perto, perde bastante da nitidez. De qualquer forma, há um novo cenário”. Isto significa que os dados do censo não expõem algumas características sobre os praticantes das religiões afro-brasileiras que influenciam no resultado final da pesquisa. No mesmo artigo a autora mostra como a umbanda tem tido reconhecimento social, a contar pela criação da Faculdade de Teologia Umbandista, os livros de Robson Pinheiro, espírita que escreve sobre a umbanda e que têm, segundo a autora, vendagem de cerca de cem mil exemplares. No censo ficaram de fora outras variantes da umbanda, como umbandaime (umbanda e Daime).

Eduardo Coutinho, cineasta, lançou em 1999 o filme Santo Forte, sobre a religiosidade em uma favela da zona sul do Rio de Janeiro (as gravações tiveram início em 1997). No documentário, a maioria que frequenta a umbanda se identifica como católico ou espírita. Os entrevistados se dizem católicos “com um pouquinho do

⁴ Censo de 2000 apresentava 26.184,941 evangélicos declarados, já em 2010 o número cresce para 42.275,44, ou seja, praticamente o dobro. A igreja católica apostólica romana ainda é a religião oficial brasileira, apesar de ter tido uma pequena queda em dez anos, tendo 124.980,132 em 2000 e 123.280,172 em 2010. Total da população residente brasileira em 2000: 169.872,856/ Total da população residente brasileira em 2010: 190.755,799 (fonte: www.ibge.gov.br). Acesso em: 01 julho 2015.

espiritismo”, ou “sou católica mas acredito nas almas”. Um entrevistado do filme diz que tudo é espiritismo, dividindo da seguinte forma as religiões espíritas: “é tipo uma faculdade, por exemplo, a umbanda vem a ser o primário, a angola vem a ser o ginásio, (...) até chegar à faculdade, que vem a ser as mais cultas, como jeje, ketu (...)”.

Para entender o motivo da umbanda sofrer, ainda hoje, preconceito, é preciso retornar ao surgimento e desenvolvimento da umbanda.

Diana Brown (1985), antropóloga norte-americana, considera que o nascimento da umbanda se deu na década de 20, no Estado do Rio de Janeiro. Para a autora, o sincretismo afro-kardecista já acontecia antes mesmo do surgimento da umbanda, portanto, a importância da nova religião não seria tanto pelo sincretismo, mas sim pelo momento em que aconteceu, que foi durante o nacionalismo implementado pelo presidente Getúlio Vargas, ao que os intelectuais (Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila de Amaral, Di Cavalcanti, Portinari, entre outros) aderiram (Gonçalves da Silva, 2005, p.100). Hulda Silva Cedro da Costa (2013, p.109), em sua tese de doutorado, fala que as religiões sincréticas tiveram início no século XVII através do Calundu, religião afrolusobrasileira, passando pela Cabula, Macumba até chegar na Umbanda, no século XX.

A Macumba foi definida por Arthur Ramos, segundo Bastide, “pelo sincretismo entre os cultos africanos, ameríndios, católicos e espíritas” (Ramos, 1934, p.113, apud Bastide, 1971, p.407). Citando também Arthur Ramos, Ortiz diz que a macumba era uma reinterpretação e simplificação do candomblé.

Guimarães Dias (2009), fez um estudo sobre o sincretismo no Brasil entre os anos de 1500 e 1908. O autor conta que desde que as terras brasileiras foram invadidas, houve a tentativa de imposição da cultura europeia aos índios e africanos. A religião cristã dos europeus acabou sendo sincretizada com as religiões dos nativos brasileiros e dos africanos, fazendo com que nascessem outras religiões. Essas religiões eram uma forma de resistência dos colonizados. Ele cita algumas dessas religiões, como a Santidade, o Toré e a Pajelança (religiões sincréticas indígenas), e o Calundu, o Catimbó e as Casas de Candomblé (religiões sincréticas dos africanos trazidos ao Brasil).

As Casas de Candomblé cresceram no séc XIX e passaram a se chamar Candomblé de Nação, que, segundo o autor, “encerra dentro de si três modelos de culto

relacionados as principais etnias e povos trazidos como escravos para o Brasil: a banto, a sudanesa nagô e a sudanesa jeje” (2009, p.32). O autor fala que as religiões sincréticas não têm um padrão, mas variam dependendo do local de culto e de seus dirigentes:

Assim como outras religiões sincréticas, nesta não existe um padrão escrito que torne todos os rituais idênticos em cada local de culto. Além dos fundamentos básicos dessa religião, que são comuns a todos os locais de culto, existem pequenas variações ritualísticas nesses lugares, as quais estão intrinsecamente relacionados aos seus dirigentes, o que faz de cada um deles único em seu formato ritualístico (GUIMARÃES DIAS, 2009, p.39).

Roger Bastide (1971, p.362), diz que o sincretismo religioso não é “genuinamente brasileiro” e já ocorria em séculos passados na África por causa da evangelização dos negros ocorrida “um século ou dois antes do povoamento do Brasil (...)” conforme aponta Raimundo Nina Rodrigues⁵ (1896), médico legista precursor dos estudos das religiões afro-brasileiras. Bastide (1971, p.361) acredita que o sincretismo resulta em crenças diversas, o adepto do candomblé pode crer nos santos do catolicismo e nos orixás do candomblé, por exemplo, ao contrário de Nina Rodrigues que via o sincretismo no Brasil como justaposição das religiões africanas para o catolicismo.

O autor diz que o sincretismo que resultou na umbanda foi a forma da “massa mestiça” (proletariado, negros, mulatos e brancos de classe baixas) se integrar socialmente. O negro que incorpora o caboclo, por exemplo, ascende hierarquicamente já que apresenta, mesmo que apenas no momento da incorporação, facetas de coragem e liberdade, características dadas aos índios por não terem aceitado a escravidão. O espiritismo que chegou ao Brasil em 1863 sofreu alterações em relação ao espiritismo elitista da França. Com isso, o kardecismo tornou-se uma religião frequentada pelo proletariado, conforme o autor explica a seguir:

Há um primeiro espiritismo, que é o espiritismo dos intelectuais, dos médicos, dos engenheiros, dos funcionários ou mesmo dos universitários, que se pretende científico. (...) Há um segundo espiritismo, que é entre todos o mais espalhado, que prega o novo evangelho de Allan Kardec. Embora franqueado a todo mundo, são sobretudo os brancos das classes baixas que o frequentam. (...) Antes de tudo, o espiritismo responde a um desejo de saúde física e espiritual; a uma luta contra a doença e a miséria; contra as enfermidades do corpo que se cura com a ajuda da água fluídica⁶, ou por meio de receitas ditadas pelos espíritos que atuam nos médiuns (...) (BASTIDE, 1971, p. 433).

⁵ Autor de O animismo fetichista dos negros bahianos, (1896)

⁶ Água fluídica é a água energizada pelos espíritos.

No terreiro estudado, os adeptos tentam não relacionar o sincretismo com a Igreja Católica, e isso parece vir acontecendo em vários terreiros de umbanda e candomblé, conforme Prandi (2005, p.52).

Na história da umbanda, além do sincretismo religioso temos a mistura de “raças brasileiras” como tentativa de firmar a religião como genuinamente brasileira. Roger Bastide (1971, p.425), fala sobre o “mulatismo” defendido por Gilberto Freyre e que caracterizava o Brasil como um país que tem a mistura das “três raças”, a saber, indígena, branca e negra, justamente as raças de entidades umbandistas. Bastide explica como seria esse negro da sociedade mestiça que os intelectuais, seguidores do governo Vargas, estavam tentando implementar:

Cria-se, desse modo, um tempo afro-brasileiro, medido por uma série de comemorações, um tempo histórico negro, que sem dúvida se enquadra no tempo histórico brasileiro, mas que não deixa de ter sua própria temporalidade. (...) Trata-se, sempre, de dar confiança ao negro, lembrando-lhe um passado glorioso, pois a lição que daí se desprende é a de que o negro pode “evoluir” e igualar o branco. Mas sempre persiste a ambivalência, pois essa valorização não vai até a África. É preciso esquecer o continente bárbaro e selvagem. Dir-se-ia que esse jornalismo tem medo de recordar as origens da raça. E quando ele sai do Brasil, não é para o Daomé que ele olha, mas, sim, para os grandes negros norte-americanos, (...) o que faz com que a valorização do negro não vise a demonstrar a originalidade de uma civilização, mas a provar a capacidade da total assimilação do negro à civilização do branco. (BASTIDE, 1971, pp 425-426)

Certamente os intelectuais da nova religião foram influenciados pelo nacionalismo de Vargas (BROWN, 1985, p.13). Vagner Gonçalves da Silva (2005, pp.101-102), diz que no livro Casa Grande e Senzala (1933), por exemplo, foram deixados de lado os problemas que escravos e senhores enfrentavam entre si e enaltecida a “adaptação do homem português nos trópicos e a miscigenação entre as raças que deu origem ao caráter benevolente e cordial do homem brasileiro”.

Em um artigo chamado “A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda” (2012), Mário Teixeira de Sá Júnior fala sobre as características que os intelectuais “criadores do mito fundador da Umbanda” buscam para legitimar a nova religião, uma religião que trazia aspectos de identificação para os brasileiros em um momento de tentativa do governo de implementar uma nova visão interna brasileira:

A invenção de uma história para o Brasil foi pautada nesse segundo momento onde o conceito de raça exerceu papel fundamental (SCHWARCZ, 1993). O mito das três raças e a importância de cada uma na construção de *alva nação Brasil* perpassa os trabalhos de todos os intelectuais que buscavam escrever uma História do Brasil. De Martius, em sua célebre monografia *Como se deve*

escrever a história do Brasil, a Gilberto Freyre, de *Casa Grande e Senzala*, a questão racial é discutida, tendo por base os conceitos de evolução, civilização e progresso, como definidores de um modelo de nação (SÁ JÚNIOR, 2012, p.03).

A umbanda vem para trazer ao Brasil do Estado Novo, o negro livre, as minorias vistas agora como tipos genuinamente brasileiros, em uma tentativa de refazer uma história, com princípios de evolução, civilização e progresso, como cita o autor.

Não é possível saber quando especificamente surgiu a umbanda, mas Ortiz (1978, p.41) cita Benjamim Figueiredo como um dos pioneiros a “empretecer” o kardecismo, quando em um “trabalho de mesa” (sessão de incorporação) do kardecismo ele recebe o Caboclo Mirim, um índio brasileiro. Impossibilitado de continuar frequentando o kardecismo, pois o caboclo era visto como uma entidade impura, Benjamim monta a Tenda Espírita Mirim, em 1924, no Rio de Janeiro. Este centro teria como característica atender as pessoas mais carentes da comunidade.

Outro centro kardecista fundado em 1908, a Tenda Nossa Senhora da Piedade, em São Gonçalo, tinha como dirigente Zélio Fernandino de Moraes, que após receber o Caboclo Sete Encruzilhadas, ficou responsável pela fundação de sete centros de umbandas no Rio de Janeiro entre 1930 até 1937, todos com o nome de Tenda Espírita (Ortiz, 1978, pp. 41-42).

Em uma entrevista para o jornal Folha de São Paulo, em 2008, Diana Brown diz que foi a partir de Zélio de Moraes que a umbanda branca foi promovida. Antes dele a umbanda era ainda vista como religião de ignorantes e das classes sociais desfavorecidas.

O surgimento da umbanda não é um consenso entre os autores. Na obra de Diana Brown (1985), não há referência a Benjamim Figueiredo, mas a autora escreve que não pode ter certeza se Zélio de Moraes foi realmente o fundador da umbanda, porém ele certamente foi um grande propagador da religião. Zélio, assim como os integrantes do seu grupo, eram entusiastas do governo de Vargas. A autora descreve os membros da religião liderada por Zélio como sendo pertencentes à classe média, brancos em sua maioria e do sexo masculino. Estes homens eram kardecistas insatisfeitos que haviam conhecido a macumba das favelas do Rio de Janeiro e de Niterói e se encantaram com as divindades africanas e seus rituais, apesar de reprovarem alguns aspectos:

Consideravam repugnantes os rituais africanos que envolviam sacrifícios de animais, a presença de espíritos diabólicos (Exu), ao lado do próprio ambiente

que muitas vezes incluía bebedeiras, comportamento grosseiro e a exploração econômica dos clientes (BROWN, 1985, p.11).

Os homens kardecistas desejavam “embranquecer” a macumba, deixando-a mais próxima do kardecismo mas mais acessível ao brasileiro.

Era importante mudar a posição de classes subjugadas socialmente, como os escravos (pretos-velhos) e caboclos (índios) e os colocarem com características mais nobres, como a bondade e a valentia. Como escreveu Renato Ortiz (1978, p.48), o processo de embranquecimento (expressão criada por Roger Bastide) das religiões afro ocorre junto com o processo de empretecimento, reinterpretando “valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e social”. Neste processo, os elementos considerados “primitivos” foram transportados para a quimbanda, religião remanescente da Macumba do Rio de Janeiro.

A quimbanda viria abrigar os elementos negros que a umbanda desprezou, como Exu e Pomba-gira e os sacrifícios animais. (Prandi, 2005, p.81) A quimbanda trabalharia a sacralidade do marginal. Assim como na umbanda, a quimbanda trabalha com entidades consideradas como nossos antepassados, espíritos que já viveram na terra. A umbanda pura é branca e mestiça, ao contrário das outras religiões consideradas magia negra, como a quimbanda, o candomblé, o catimbó, xangô e o batuque (ROHDE, 2009, n.p.).

Apesar da adesão umbandista ao governo Vargas, os centros sofreram perseguição policial. Segundo Brown, (1985, p.13) em 1934 havia uma lei que qualificava as religiões afro-brasileiras, assim como os kardecistas e os maçons, como grupos de atividades marginais (“sob a jurisdição do Departamento de Tóxicos e Mistificações da Polícia do Rio de Janeiro”).

Em 1939, Zélio uniu-se a outros dirigentes de terreiros de umbanda e criaram a primeira fundação umbandista, a União Espírita da Umbanda do Brasil, no Rio de Janeiro, e em 1941 teve o Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda. O Segundo Congresso de Umbanda ocorreu em 1961, também no Rio de Janeiro, expôs a força da religião lotando o estádio do Maracanãzinho e com a participação de políticos. Foi na década de sessenta, justamente no regime ditatorial que a umbanda se fortaleceu, com apoio de políticos. Em 1973 houve o Terceiro Congresso de Umbanda e foi quando houve maior legitimação da religião, que a partir daí fundou também creches, escolas, ambulatórios e teve assim, maior divulgação, conquistando “permissão legal e apoio institucional dos

órgãos governamentais para a realização de suas festas em espaços públicos”. (Gonçalves Silva, 2005, p.117). Dessa forma, a religião foi se popularizando, e uma festa muito tradicional para os umbandistas como o dia 31 de dezembro, data em que há as oferendas no mar para Iemanjá, tornou-se um dia em que mesmo os não adeptos da umbanda fazem suas oferendas. Este dia, segundo Gonçalves Silva, “foi proclamado, em 1967, o Dia dos Umbandistas”.

A umbanda reproduz “pouco das concepções africanas preservadas no candomblé” (PRANDI, 2005, p.79) e o sincretismo restringe a complexidade dos orixás para a dicotomia do “bem e mal”, características das religiões judaico-cristãs. Por conseguinte, afastaram-se (pelo menos oficialmente) de qualquer orixá que possa, aos olhos cristãos, ser sinônimo do mal. Exu, que em sua representação traz a transformação, a sexualidade (explicitada com seu símbolo fálico), além da fartura, é o responsável pela mediação entre o fiel e os orixás, mas logo foi traduzido como o mau, traiçoeiro e interesseiro. Como o cristianismo poderia traduzir um ser que trazia tantos elementos tabus para o ocidente? Segundo Prandi, Exu entra como o contraponto a Oxalá, exercendo a função do mal, necessária para a filosofia dicotômica ocidental, mas a umbanda “não se dispôs a combatê-lo necessariamente, nunca se cristianizou completamente”. Prandi (2005, p.80)

O espiritismo dos intelectuais não conseguiu manter-se apenas aos elitistas, pois com sua promessa de cura por meio dos espíritos, vinha uma nova ajuda para o proletariado, que encontra dificuldades para conseguir atendimento em hospitais públicos e mesmo um alento para a alma de uma forma quase concreta, entrando em contato com espíritos que poderiam se apresentar através dos médiuns, diminuindo assim a dor de parentes que perderam entes queridos.

Mário Teixeira de Sá Junior (2012), em A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda, explica como o (que ele chama de) “mito” da origem da nova religião foi produzida pelos intelectuais umbandistas, dialogando com o que o autor chama de “alva nação Brasil”, no início do século XX, época em que os intelectuais brasileiros celebravam um “Brasil mestiço”. Sá Júnior entende que a umbanda é definida pelo outro e pelo que ela não é:

O mito analisado está, boa parte do tempo, dialogando com campos externos ao da Umbanda. Mais do que falar de si, o mito define a Umbanda pelo outro. Mais do que aquilo que ela é se apresenta como aquilo que ela não é. E, sobre

isso, ele busca dizer que ela não é de origem humilde ou negra, não é doente, não é demoníaca e não é baixo espiritismo. (SÁ JUNIOR, 2012, p.12)

Em Sergipe, segundo Janaína Couvo (1998), a umbanda surgiu em 1960, tendo o bairro de Jabotiana como o principal reduto dos terreiros. A autora relata que há grande variedade de umbanda com influências diversas, tais como do candomblé e do kardecismo.

1.2 Percurso histórico do terreiro, segundo relato de Fábio

O terreiro⁷ está localizado na cidade de Aracaju - SE, em um bairro de classe média. A rua é residencial e o terreiro não se destaca, a não ser pela grande quantidade de carros e pessoas vestidas de branco que ficam na porta quando há gira ou evangelho.

A história do terreiro se confunde com a história do dirigente e fundador, Fábio, professor e psicólogo. Cabe aqui acrescentar que, tendo sido um acadêmico, suas explicações são sempre referenciadas em um cunho científico. Percebi que havia a preocupação de mostrar-me a religião com algumas explicações “científicas” ou “racionais”.

Como dito anteriormente, Fábio iniciou sua vida religiosa no espiritismo kardecista. Quando pequeno, na cidade de Lagarto-SE, já demonstrava curiosidade por religiões. Participou de grupos da igreja católica e da igreja evangélica levado por sua mãe, mas Fábio não conseguia se adequar à lógica dessas religiões. Gostava de conversar com conhecidos que frequentavam o espiritismo kardecista, e eventualmente tinha visões, mas não conseguia acreditar que aqueles seres que apareciam eram demoníacos: “Eu sabia que tinha alguma lógica, que não era alucinação porque às vezes não era visto só por mim”.

Quando jovem, mudou-se para Aracaju e começou a frequentar o centro kardecista, permanecendo lá por 14 anos. Era palestrante (segue dando palestras para o kardecismo até hoje) e ministrava passes. Foi no kardecismo que desenvolveu a

⁷ Prefiro ocultar o nome do terreiro assim como dos entrevistados. Esta não foi uma escolha somente minha, muitos participantes pediram o mesmo.

mediunidade. Fábio conta que foi em uma sessão de desobsessão⁸ que aconteceu o primeiro caso que o fez repensar sua permanência nessa religião. Uma médium estava com o padrão energético muito baixo por conta do obsessor que incorporou, ficando desvitalizada e pálida. Fábio pediu aos mentores da casa para que o auxiliassem na transfusão fluídica⁹ que ele ficou encarregado de fazer na médium. Foi quando sentiu uma presença espiritual muito forte, sentiu seu tórax crescer e viu um lenço vermelho na cabeça da entidade que estava atrás dele:

(...) eu vi meu tórax literalmente crescer, enlarguecer, ele era bem mais alto que eu, né, era um homem, era uma entidade que era um homem, e eu vi brilhar no meu ombro um lenço vermelho, como se a cabeça dele tivesse um lenço vermelho, e que a parte do lenço vinha sobre o ombro, aqui. E eu percebi isso. Bom, ele induziu minha mão até as costas da médium e num toque na região da coluna lombar, houve uma transfusão fluídica ali forte que a médium voltou e ficou ótima, tipo rosto corado imediatamente, uma coisa assim muito intensa e eu agradei muito àquela entidade e a caridade que ele fez e na sala ficou aquele cheiro forte de incenso, aquele incenso bem amadeirado, gostoso, bom, entendeu? Aquele perfume muito bom. Tipo, depois dessa caridade ele ainda deixou um presente pra todos. Continuamos trabalhando a sessão, outros obsessores e aí eu ia, a manifestação foi só com essa médium, tá?

Fábio não sabia quem era esse mentor, nunca o tinha visto. Encerrada a sessão, um colega do centro espírita o chamou e foi duro com ele:

Ele falou: que absurdo, você dá passagem a uma entidade que usa lenço vermelho! Aí eu expliquei que eu não sabia, exatamente essa questão de dar passagem, porque eu pedi auxílio aos mentores da casa, e se aquele irmão, eu sabendo da confiança que eu tenho, e tenho até hoje na equipe daquela casa, espiritual eu falo, né? Se aquele irmão que usa um lenço vermelho se apresentou pra prestar aquela caridade, eu enquanto médium só tinha a agradecer, né? Aí veio o argumento: mas você então avise, que se for pra se apresentar pra trabalho, você avise que se apresente de branco. Quem sou eu pra ter autoridade diante de guia nenhum, pra dizer naquela época então, pra dizer que se apresentasse de branco e não de lenço vermelho, ou que se apresentasse sem lenço, ou que se apresentasse sei lá como? Eu não sei exatamente como são as normas espirituais que os dirigentes do centro no plano espiritual usam para que cada guia ou mentor se apresente ali. e não sou eu, enquanto médium, que tá prestando um serviço... Eu não entendo como que vai ser a sutileza disso, entendeu? E expliquei tudo isso, mas mesmo assim ficou algo, aquele clima meio tenso, eu percebia aquela tensão, em um processo como se fosse minha responsabilidade daquela manifestação, entendeu? Foi isso que aconteceu.

A história que Fábio conta parece a história do começo da umbanda, quando Zélio Ferdinando sai do kardecismo após receber um caboclo em uma sessão. Em vários

⁸ Sessão de desobsessão é quando os médiuns que trabalham no centro espírita incorporam os espíritos obsessores das pessoas obsediadas (pessoas tomadas por espíritos atrasados ou ruins) que vão tomar passe, afim de doutriná-los para que desistam de tentar prejudicar os humanos.

⁹ Transfusão fluídica é a energia dos espíritos passada para o homem.

momentos a história contada por Fábio remeteu-me ao início da umbanda, até mesmo o início do dirigente em um centro kardecista.

Turner (2005, p.109), classificou as cores em um ritual Ndembu, na África Central. Em sua classificação, o vermelho pode pertencer tanto como coisas para o bem como para o mal, e essas coisas têm poder, por exemplo, um animal precisa do sangue para viver. Turner fala que Bauman (1935, p. 40-41) mostra a ambivalência da cor vermelha quando ela pode ser a cor da doença mas também a “cor que afasta a enfermidade” (2005, p.96). Essa entidade com lenço vermelho que Fábio viu no centro kardecista, teve o poder de afastar os males que acometiam a médium e a curou. Depois Fábio se deu conta que essa entidade era de um cigano, que sempre se apresentam com vestimentas vermelhas.

A cor branca, usada nos centros kardecistas e também na umbanda, é analisada por Turner (2005, p.107), em relação ao rituais Ndembu, como a cor da bondade, da pureza, da força, da vida, de estar livre da má sorte. A cor branca também simboliza “a coesão e a continuidade social (...), aquilo que não está escondido) (2005, p. 115). No ritual do bori, todos tomam banho e se vestem de roupas brancas novas, demonstrando uma coesão e ligação entre os integrantes.

Depois aconteceu outro episódio, dessa vez dentro da sala de passe em atendimento ao público. Fábio estava trabalhando como médium passista e foi atender uma menina que estava com uma entidade colada em seu corpo, em um processo que ele classifica como sendo de “vampirização”. Essa entidade possuía forma alterada, não era mais a forma humana como geralmente as entidades se apresentam. Fábio não sabia como lidar com essa situação e pediu socorro aos mentores da casa. Começou a mentalizar e a pedir:

Minha gente me ajude, pedi meus mentores, me ajudem, tô aqui pra prestar a caridade, eu tô vendo a situação aqui que tá um caso mais sério, um tanto incomum, pra mim como médium passista ver aquilo, e fui dar o passe, só que eu pedi mesmo auxílio e fui na boa vontade naquela firmeza de prestar a caridade, pra ele poder entender que ele não deveria tá ali, aquele obsessão, de que aquela irmã precisaria, realmente, se recuperar sem ele, que ele taria ali desvitalizando, sugando, vampirizando, que aquilo não era, realmente, nada condizente com o amor, né? E fui ministrar o passe.

Fábio conta que ficou assustado, esperando alguma ajuda dos seus mentores. Sempre Fábio deixa claro que o intuito dele e da religião é o amor, o bem, acredito que até mesmo por conta do preconceito que a religião sofre, a todo momento ele reafirma o

quanto ele e a umbanda (pelo menos a umbanda do seu terreiro) estão dispostos a fazer o bem.

Quando iniciou o passe, viu uma entidade luminosa, um idoso de pele negra com uma luz muito intensa que magnetizou o obsessor e o levou, desacoplou o obsessor do corpo da menina que estava sendo atendida, levando o ser magnetizado para o plano espiritual. Nesse momento a menina quase desmaiou e Fábio conseguiu socorrê-la, fazendo um passe energético para poder repor o fluído perdido.

No momento em que a entidade foi desacoplada pelo ser de luz, ficou um cheiro de cachimbo aceso não muito forte. Fábio achou que só ele estivesse sentindo e como nunca tinha vivenciado aquilo, achou que a menina tinha sido pega pelo obsessor em um centro “que cultua entidades que fumam”. Ele não sabia, na época, que essa entidade luminosa, que depois entendeu ser um preto velho, usou a força do fumo para poder magnetizar e desprender o obsessor da menina, pois a falange dos pretos velhos usa o fumo como planta de poder para cura. Terminado a sessão de passes, a dirigente chamou-o e falou que Fábio não poderia deixar uma entidade que aparece fumando entrar em uma sessão de passe, isso seria “coisa de entidade atrasada, primitiva”. Mesmo assim, Fábio agradeceu à entidade e, apesar de não entender a razão do espírito de luz ter se apresentado fumando, ficou como tal, pois o trabalho tinha sido feito. Para ele, a forma como os seres apresentavam-se não fazia diferença.

A partir disso começou a questionar se o kardecismo realmente era seu lugar. Fábio conta que depois que iniciou na umbanda entendeu que essas entidades que apareceram eram entidades que o acompanhavam e o acompanham até hoje.

No começo da década de noventa houve uma crise em Sergipe entre a federação espírita e alguns dirigentes. Fábio explica que esse impasse aconteceu porque alguns dirigentes se sentiram muito questionados pelo grupo de jovens diante de algumas práticas ocorridas no centro, como por exemplo, incorporação de obsessores na frente da pessoa que estava recebendo o passe. Os jovens (Fábio estava incluído) vinham estudando o espiritismo e argumentavam que nos livros e manuais espíritas havia a recomendação para que não houvesse as incorporações na frente dos atendidos.

Houve uma reunião em que os dirigentes assumiram uma postura de donos de centros espíritas e não de dirigentes. Fábio não gostou:

Então, por exemplo, se o próprio Kardec, que é a quem eles dizem que seguem, não tava sendo respeitado, então aqui deixou de ser um centro espírita kardecista e passou a ser um centro espírita segundo o dirigente (risos). Então não tô mais como trabalhador. E aí boa parte se afastou, outros se inseriram em outros trabalhos, passaram a desenvolver trabalhos na própria casa, alguns outros retornaram depois que houve esse balanço que mudaram alguns dirigentes, inclusive a presidência da própria federação mudou, e aí houve de novo, algumas pessoas retornaram. Eu é porque realmente não tinha mais condição de trabalhar dentro do kardecismo.

Desde então Fábio se afastou do kardecismo. No início de 2004, conversando com uma amiga, Fábio disse que sentia vontade de fazer o evangelho no lar e essa amiga ofereceu sua casa para a prática dizendo que sua mãe, Dona Lígia, era espiritualista, gostava muito de trabalhar com a espiritualidade e tinha vontade de estudar o espiritismo, mas omitiu o fato da senhora ser mãe de santo no candomblé e já ter um percurso na umbanda. Formou-se então um grupo de amigos que passaram a manter encontros semanais.

Quem dirigia o evangelho era Dona Lígia e Fábio. Como Dona Lígia já tinha “conhecimento da umbanda” (frequentou durante um tempo um centro no Rio de Janeiro), podia auxiliar quando as falanges da umbanda apresentavam-se, pois eram aparições desconhecidas do grupo. Esse grupo era formado por amigos e conhecidos de classe média, fator que pode ser uma das explicações para que até hoje o grupo tenha, majoritariamente, essa formação.

O trabalho do evangelho começou a aprofundar-se. Após a leitura do evangelho havia 15 a 20 minutos de meditação para trabalhar “o processo mediúnico”, pedindo que as falanges se aproximassem. As principais falanges que apresentavam-se eram a dos caboclos, ciganos e pretos velhos, mas não eram as únicas. Também apareciam as falanges dos médicos do kardecismo, ligados a Bezerra de Menezes, como as entidades das linhas orientais, como alguns hindus, médicos orientais. Todas as entidades instruíam os participantes dizendo que o grupo crescería como um lugar de trabalho ligado à caridade e ao bem. Segundo o dirigente, até a falange de Exu, que viria apresentar-se depois, viria apenas para fazer o trabalho para o bem. Fábio considera que essa é a essência espírita (a prática do bem, a caridade) que dirigiu o grupo e que trazia (e traz até hoje) pessoas com afinidade para a casa.

O grupo realmente cresceu e houve a necessidade de encontrar outro local para os encontros, mas dessa vez como centro de umbanda. Fábio recebeu a orientação de uma preta-velha para que cedesse um espaço de sua casa, um quintal em que ele tinha a

intenção de construir uma piscina e uma churrasqueira, para que lá fosse feito um terreiro de umbanda:

O terreiro seria uma piscina com churrasqueira, essas coisas. Cabou tudo (risos). Foi um pedido da preta velha na verdade, (...) essa entidade que me acompanha, que é uma preta velha, ela no processo de incorporação mesmo, ela me irradiou¹⁰ muito forte, eu senti que ela incorporou porque eu vi todo um processo de..., uma das formas da gente definir é como se outro psiquismo habitasse em sua consciência, aí você, nesse processo de incorporação, toda sua consciência é tomada por uma outra força. E aí ela mostrou claramente pra mim: olha, em vez de ter piscina, ao invés de ter churrasqueira, coloque um salão de barro batido, de chão batido, onde todos possam trabalhar e fazer a caridade. Em vez de ser um local de divertimento, vai ser um local de trabalho espiritual. E assim foi feito. E quando eu questionei assim: mas é isso mesmo que todos querem? Então ela ergueu minha cabeça olhando um pouco pra cima assim, que eu tava diante de uma fogueira meditando nessa manifestação que tava acontecendo, eu pude ver realmente essa visão, minha mãe Yemanjá, meu segundo orixá. Eu sou Oxalá com Yemanjá. Eu vi que toda aquela manifestação estava respaldada por minha mãe. Então ela tava sendo a porta voz de uma ordem realmente.

Fábio conta que antes de fundar o terreiro (2006), tinha tido experiência com o Santo Daime em uma viagem que fez para Minas Gerais (em dezembro de 2003). Em fevereiro de 2004, participou de um trabalho xamânico de Jurema em Campina Grande (PB) e logo depois, em fevereiro, conheceu a Dona Lígia. Em um intervalo de três meses houve uma junção de acontecimentos que culminaram no evangelho junto com Dona Lígia.

Sobre os trabalhos xamânicos, Fábio conta que ia todo mês para João Pessoa (iniciou em Campina Grande, mas logo depois o grupo transferiu os trabalhos para João Pessoa) participar dos trabalhos xamânicos com Jurema, que tinham a inserção dos trabalhos de umbanda, com incorporação de caboclos e pretos velhos que davam passes, rezando as pessoas e cantando os pontos de umbanda. Isso fez com que Fábio se sentisse seguro, com a permissão dos seus guias, de inserir nas sessões de umbanda tanto a Jurema quanto o Santo Daime revezadamente, como um estudo para “melhorar”, como ele diz, a mediunidade.

A Jurema é uma árvore que nasce no agreste e caatinga nordestino, e a bebida é feita de seu tronco e raiz. Assim como a ayahuasca, é através de sua ingestão que os índios

¹⁰ Irradiação é quando o médium percebe a presença (ou energia) de uma entidade ou orixá por perto, mas não chega a incorporar.

entravam em contato com seres de outros mundos, em um ritual religioso. Segundo Brandão e Nascimento (1998):

Este culto se difundiu dos Sertões e Agrestes nordestinos em direção às grandes cidades do litoral, onde elementos das outras matrizes étnicas da formação da sociedade brasileira entraram em cena. Desse modo, o símbolo da árvore que liga o mundo terreno ao além e, embora amargo, dá sapiência aos que dela se alimentam, ganha novos significados, surgindo um mito com traços cristãos. Neste sentido, a Jurema surge como a árvore que escondeu a sagrada família de Herodes, durante a fuga para o Egito, ganhando desde então suas propriedades mágico religiosas. (CASCUDO, 1931 e BASTIDE, 1945 apud BRANDÃO e NASCIMENTO, 1998, p. 72)

A partir da década de 20, houve a junção de elementos das religiões africanas, como o sacrifício de animais, elementos da magia europeia e culto aos santos católicos, sendo trazida para algumas capitais nordestinas (Brandão e Nascimento, 1998, p.72).

1.3 Influências kardecistas nos rituais do terreiro

O terreiro estudado parece prezar por influências kardecistas. Fábio tem 48 anos e catorze como integrante atuante de centro espírita kardecista em Aracaju. Após sentir a presença de uma entidade cigana enquanto aplicava o passe¹¹ no centro kardecista em que era integrante, Fábio iniciou seu caminho na umbanda. Apesar do dirigente ser filho do candomblé também, o kardecismo neste terreiro se faz presente de várias formas. Em uma das entrevistas realizadas, Fábio explicou que a casa (o terreiro estudado também é chamado de casa, principalmente pelo dirigente, que mora no terreiro) tem grande influência kardecista, que é uma doutrina muito séria e não admitia “trabalhos para o mal”, além do que, essa era uma exigência dos seus guias. O Exu da casa (guardião), também não permite que haja trabalho que interfira no livre-arbítrio do homem, como trabalho de amarração (para conquistar a pessoa amada) ou trabalho que faça algum mal ao próximo. Só é permitido fazer trabalho espiritual de curas ou trabalho para “quebrar” (anular o efeito) uma demanda, um trabalho feito por outra pessoa para prejudicar o consulente.

É curioso notar que o terreiro é frequentado majoritariamente por jovens, estudantes e profissionais liberais. Muitos deles eram frequentadores do kardecismo.

¹¹ O passe é uma prática de limpeza energética e doação de fluidos que acontece com o médium posicionado em frente à pessoa assistida, que geralmente fica sentada, e através de movimentos com as mãos em volta do corpo do indivíduo, acredita-se que há algo como renovação fluídica. O passe pode ocorrer de outras formas, como à distância ou passe coletivo.

Partindo desse ponto de vista, pergunto como a umbanda é vista hoje, já que conversei com integrantes de outros terreiros que estranharam ou duvidam da seriedade e eficácia de um terreiro com tantas influências. Uma umbanda que faz uso do Daime em alguns encontros (ou giras), tem influência do candomblé (em São Paulo ouvi de uma umbandista que o terreiro que ela frequentava era “umbanda pura”, não “umbandomblé”, como ela classificou o terreiro estudado), muita influência espírita e além disto tudo, quase elitista. Beatriz Góis Dantas (1988), explica e desconstrói o conceito de pureza nos terreiros de candomblé, (candomblé “mais puro”, “mais africano”, “original”, seria o nagô), já que “(...) os traços culturais, reais ou supostamente originários da África, podem ter significados diversos na sociologia brasileira”. Eu compreendo que a umbanda, por si só, já é uma religião de múltiplas influências e não temos como delimitar até onde vai a pureza de um terreiro. Dantas diz que religiões africanas trazidas ao Brasil e com influência de outras tradições tornavam-se mais integradas.

Dantas (1988) estudou em especial um terreiro de candomblé de Laranjeiras que se auto identifica e é reconhecido como “nagô-puro”. A autora fala sobre a valorização de candomblés que seriam mais próximos de sua origem, a África, mas que mesmo entre os terreiros nagôs de Estados vizinhos era possível detectar diferenças.

Diante disso, passei a repensar a “pureza nagô” e perceber que os traços culturais invocados para atestá-la recortam-se e combinam-se diferentemente para estabelecer o contraste e que seus significados, assim como as palavras, admitem uma polissemia e se definem no contexto social do presente e na relação de forças que envolvem os estruturalmente superiores e inferiores. (DANTAS, 1988, p.7)

1.4 Contato de Fábio com o Santo Daime

Fábio informou aos integrantes do seu recém-aberto terreiro que tinha participado de rituais do Santo Daime, gostado muito e pretendia abrir uma igreja. Falou aos companheiros que quem tivesse interesse poderia participar, e Fábio afirmou que todos quisessem conhecer. Isso, segundo Fábio, foi o que ajudou a fundar e estruturar o Santo

Daime em Aracaju. Até hoje muitas pessoas que frequentam a umbanda também frequentam o Santo Daime. Muitos são borizados¹² na umbanda e fardados no Daime.

A religião do Santo Daime foi fundada em 1930 no Acre, pelo Mestre Irineu, um ex-seringueiro. Raimundo Irineu Serra participou pela primeira vez de um ritual com a ayahuasca na floresta fronteira com a Bolívia, com ayahuasqueiros peruanos, que foram apresentados ao Mestre Irineu pelos irmãos Costa (Antonio Costa e André Costa). Foi através de visões com Nossa Senhora da Conceição que Mestre Irineu fundou a Doutrina do Santo Daime (MacRae, 1992, p.61-62), uma religião com influência cristã, indígena, africana e europeia (MacRae, 2000 p.75).

Segundo Beatriz Caiuby Labate (2000, p.29), o Santo Daime tem influência do kardecismo, das religiões afro-brasileiras, do esoterismo europeu, assim como do xamanismo. No Brasil, a ayahuasca tornou-se conhecida através dos curandeiros da Amazônia. A autora conta que Mestre Irineu, nascido no Maranhão, vinha de uma família integrante do Tambor de Mina. Após chegar ao Acre para trabalhar como seringueiro, conheceu a ayahuasca através de peruanos e que, ao ingerir a bebida, ouviu uma voz “que lhe ordena que fizesse um retiro na mata, onde deveria passar oito dias só comendo macaxeira insossa, sem ver nenhum rabo de saia (grifo da autora) e bebendo o líquido poderoso” (Labate 2000, p.31). Mestre Irineu seguiu as orientações e teve uma visão (no Daime as visões são chamadas de mirações) com a Virgem da Conceição, que é a Rainha da Floresta, que ele tinha uma missão, chamando-o de Chefe Império Juramidam. Mestre Irineu nomeia a ayahuasca de “Daime, do verbo dar, e das invocações “dai-me força”, “dai-me luz”, “dai-me amor”. (MacRae, 1992, p.67).

(...) Santo Daime é o nome que os participantes deste movimento religioso dão à bebida que consomem em seus rituais. A denominação “daime” indica uma invocação ao “espírito” da bebida, a quem os fiéis pedem (por isso dai-me) luz, saúde, iluminação, etc. (Groisman, 1991; Goulart, 2002). Já a palavra “santo” faz referência ao caráter sacramental que esta bebida tem para os participantes do Santo Daime. O daime é produzido pela cocção de duas plantas nativas da floresta amazônica: o cipó *Banisteriopsis caapi* a folha do arbusto *Psychotria viridis*, chamados pelos participantes do Santo Daime de “jagube” e “rainha”, respectivamente. Esta bebida é considerada como um “ser divino”, dotado de personalidade própria e capaz de curar e de transmitir conhecimento. (ROSE, 2005, p.9)

¹² Bori significa “oferenda à cabeça”, é um ritual de iniciação do candomblé que Fábio incluiu no seu terreiro de umbanda. Também pode ser feito pelos iniciados para fortalecimento espiritual.

Na década de 30, junto com os irmãos Costa, Mestre Irineu fundou o Centro de Regeneração e Fé (C.R.F.), que estava localizado na fronteira entre o Acre e a Bolívia. Em 1945 fundou o Centro de Iluminação Cristã Universal (CICLU), conhecido como Alto Santo “chegando a abrigar mais de quarenta famílias” em uma terra que recebeu de um político local. Mestre Irineu viveu até completar a idade de 79 anos.

O ritual do Daime inclui hinários (cantos) e a ingestão do daime, chá enteógeno que pode proporcionar “mirações” (visões). É através dos cantos e da ingestão do daime que os integrantes entendem haver uma expansão da consciência, resultando em autoconhecimento e até cura de enfermidades.

A bebida tem um gosto amargo e pode causar mal-estar físico e/ou psíquico, fato que é interpretado como uma forma de purificação (MacRae, 2000, pp.75-76,).

As mulheres iniciadas (fardadas), vestem uniforme verde e branco e os homens, uniforme branco. Há instrumentos musicais, como violão, maracás e bongôs, e seus tocadores, assim como os puxadores dos hinários, são presenças importantes, já que a música é também um condutor para os participantes no ritual.

Os músicos permanecem sentados na primeira fileira, os fardados ficam em pé logo atrás e os novatos ficam na última fileira. Forma-se um círculo em que os homens ficam do lado oposto do das mulheres. O ritual dura em média 4 horas e as pessoas permanecem entoando os hinos no local, mas em datas especiais há o bailado, que dura cerca de 12 horas e os integrantes dançam enquanto cantam.

O bailado é um trabalho festivo e “[...] consiste em uma dança repetitiva, na qual a pessoa deve acompanhar, sincronicamente, o movimento coletivo, deslocando-se de acordo com o ritmo dos hinos e o movimento do grupo”. (Groisman, 1999, p. 74 apud Geganich, 2011, p.79)

Um terreiro com a inserção eventual do Daime, da Jurema e com alguns rituais do candomblé, soou muitas vezes estranho para as pessoas de fora com quem eu conversava. Fábio também sente que há estranheza e até preconceito para com seu terreiro. Ele diz que ouve perguntas como: “Quando você vai definir a linha do seu terreiro? ”, além de sentir que muitos estranham o fato de ser um terreiro de pessoas que em sua maioria têm

nível superior ou classe média. Fábio deixa claro que “ter gente rica não reverbera em doação pra casa”.

O dirigente ratifica: “Não é que a gente faz trabalho xamânico com entidade de umbanda, é umbanda com ou sem as plantas de poder, não são todos os rituais que têm as plantas e ninguém é obrigado a participar, só quem quer”. Fábio também não considera seu terreiro como sendo de “umbandaime”, pois para ele, no umbandaime só é permitido a incorporação do preto-velho, caboclo, exu e erê.

O fato de eu ter inserido o daime no ritual fez com que as pessoas achem que é umbandaime, não é. É um ritual de umbanda que serve uma planta. Do mesmo jeito que serve o santo daime serve também a jurema. No candomblé tem a jurema, mas é a jurema de caboclo, é um outro preparo, é uma outra forma de preparar. E o vinho de jurema lá, no candomblé. Eu vivencio os ataques por incluir a jurema ou o Santo Daime na umbanda. Críticas do tipo: então, você já definiu a linha da casa? Ah, mas umbanda não se tem bori, mas umbanda não se toma daime, não se toma jurema. Eu digo: tá, mas lá é ordem do meu pai Oxalá.

1.4 Breve introdução ao Umbandaime

Ainda há poucas pesquisas sobre a umbandaime por ser uma religião nova. Sua origem é controversa, alguns pesquisadores apontam que tenha ocorrido na década de 80, através da expansão da igreja daimista Cefluris (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) sendo “legitimamente incorporada” quando houve a aliança entre a mãe de santo Baixinha e os membros do seu terreiro “à Igreja Céu da Montanha, fundada em 1984, no Rio de Janeiro. Em 1985, Padrinho Sebastião (discípulo de Raimundo Irineu Serra e fundador da Cefluris) os visita, fortalecendo esta aliança, da qual resultou no fardamento da Baixinha e de seus filhos”. (GREGANICH, 2011, p. 82-83).

A Umbandaime é um neologismo criado pelos daimistas do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) para servir de referência ao estudo mediúnico dentro da doutrina do Santo Daime, a partir de uma aliança com a Umbanda. Esta vertente da Umbandaime dentro da linha do CEFLURIS é relativamente recente e não é incorporada por todas as igrejas daimistas. Considerada em pleno andamento, está se desenvolvendo e se adaptando de acordo com cada igreja, não possuindo ainda uma norma estabelecida.” (GREGANICH, 2011, p.77)

Alves Junior (2007) fez uma detalhada pesquisa sobre a inserção da umbanda no Santo daime e concluiu que foi a partir da ida de Padrinho bastião ao Rio de Janeiro, onde manteve contato com um grupo umbandista, que conheceu a mãe de santo Baixinha, que posteriormente tornou-se fardada do Santo Daime, incluindo trabalhos de gira no ritual daimista.

Já Townes (2010, n.p.), em um artigo no site Gente de Opinião, cita a paulistana Dona Maria Natalina, conhecida como Madrinha, como a fundadora da nova religião. Ela seria uma mãe de santo que teria recebido um aviso de Nossa Senhora da Conceição de que o juízo final estaria próximo. Após a mensagem, ela iniciou-se no Santo Daime, tornando-se fardada em um grupo no Acre, e tinha como mentor o Padrinho Sebastião.

A umbandaime é vista por alguns umbandistas como uma religião que foge à “pureza”, da Umbanda (“isso não é umbanda pura”, segundo uma umbandista que frequenta outro terreiro em Aracaju). Aliás, esse foi um argumento muito utilizado entre alguns umbandistas ouvidos, a questão da “pureza” da religião é algo que muitos adeptos entendem como forma de manter o rito “na sua essência”. Talvez pelo fato da umbanda, assim como o candomblé, ser uma religião de transmissão oral, haja certa resistência em aceitar novas influências que possam “descaracterizar” a religião. Mesmo no terreiro estudado ouvi integrantes que não concordavam com o uso do daime nas giras.

Em uma gira em que os integrantes ingerem a ayahuasca ou a Jurema, o contato com os orixás e entidades estaria facilitado, pois essas “plantas de poder” abririam a mediunidade, segundo o dirigente. Conversei com uma integrante do terreiro estudado que era contra o uso do Daime na umbanda. Ela acredita que para haver um contato “real” com a entidade, o ideal seria estarmos conscientes o tempo todo. Ela também se mostrou receosa em relação à ayahuasca. Disse que quando o ingerimos entramos em contato com seres de vibrações baixas, além de achar que a bebida atrapalharia o desenvolvimento mediúnico por não estarmos com o corpo “puro”, afinal o daime seria um alucinógeno, segundo a integrante.



Planta de poder oferecida antes da gira (julho/2015) Foto: Renata Rennó

1.5 O Evangelho no terreiro

O evangelho do terreiro de umbanda não é muito diferente do evangelho kardecista: as pessoas se encontram na terça-feira à noite e sentam-se em cadeiras enfileiradas no terreiro. À frente fica uma mesa com um livro para que possamos escrever o nome de “encarnados” e “desencarnados” para que haja o passe à distância, além de uma jarra de água que será fluidificada (acredita-se que esta água receberá as boas energias dos passes). Antes de começar, há a defumação de todos os presentes, cantando o ponto de defumação. A maioria das pessoas se veste de branco, assim como nas giras, mas no dia do evangelho essa não é uma exigência como é nos dias de gira. Antes de iniciar a sessão, o (a) palestrante (não há um palestrante fixo, pode ser o dirigente ou outro integrante da casa que tenha profundo conhecimento do evangelho kardecista) escolhe algumas pessoas para sentar à mesa, os escolhidos podem ser os médiuns que já tenham passado pelo bori ou pessoas que tenham a espiritualidade mais afluída, pessoas oriundas do kardecismo e com maior conhecimento da religião francesa. Essas pessoas teriam boa capacidade de concentração e ajudariam “a dar um direcionamento mais firme a própria mediunidade” e à mesa.



Terreiro preparado para o evangelho (junho/2015) Foto: Renata Rennó

Em seguida, o palestrante lê passagens do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec para depois discutir o tema. Nas vezes em que participei do evangelho,

poucas vezes houve intervenção das pessoas que assistiam, geralmente todos só ouvem, mas quando há perguntas, abre-se para discussão e explicação. Gostaria de fazer um adendo: em um dia do evangelho, o dirigente explicou que era preciso contextualizar o kardecismo, pois era uma religião da burguesia da França no século XIX, contrapondo com a umbanda, que seria uma religião brasileira do século XX. Portanto, não fazia sentido o que alguns kardecistas falam em relação à umbanda, que seria uma religião primitiva por contar com espíritos de índios e negros, que no século XIX eram considerados seres inferiores. Ele também falou que se um médium incorpora um cigano, preto-velho ou erê, os kardecistas não querem que a pessoa se intitule espírita, pois o espírita “só pode ser fiel cem por cento à Kardec”. Após a discussão, há por volta de 20 minutos de meditação. Apagam-se as luzes e acende-se uma luz colorida, que vai depender da falange que comandará o evangelho da noite. Fábio explicou que cada cor tem uma função nos chacras, como na cromoterapia. A luz verde ativa o imunológico, e na linha dos mestres ascensionados o raio verde é o raio da cura do mestre Hilarion.

Mestres ascensionados vêm de uma outra linha espiritualista, o dirigente explicou que essa linha existe em Maceió e Salvador (Grupo da Chama). Então a cor serve para ajudar nessa questão ligada ao chacra¹³. A luz azul ajudaria na espiritualidade, no processo da intuição. Quando se canta para os ciganos ou para os exus, usa-se a luz vermelha e o amarelo como ativação da vitalidade, felicidade, da força de estar vivo, está ligada ao chacra sexual e ao chacra raiz.

Logo após, iniciam-se os passes. O dirigente chama as falanges que irão atuar na sessão. Após isso, canta-se um hino do Santo Daime:

Devo amar aquela luz, o Divino aonde está, para ser um filho seu, no coração
eu devo amar a luz, a Virgem Mãe foi quem me deu, para ensinar os teus
irmãos, para ser um filho seu, para ser um filho seu de amor, no coração este
primor, conhecer esta verdade, Deus do céu foi quem mandou. Deus do céu foi
quem mandou a luz, devo amar àquela luz (repete)

Esse hino ajudaria no “processo de condução energética¹⁴”, para que todos possam mentalizar e levar a cura e iluminação aos necessitados. É comum o dirigente falar que aparece um desencarnado que precisa de doutrinação para compreensão do que está acontecendo.

¹³ Chacras são centros de energia do corpo humano.

¹⁴ Processo que deixaria a corrente energética formada por todos presentes, uniforme.

Após cantar, todos fazem uma oração para depois cantar os pontos da umbanda do orixá ou entidade da semana. No momento em que os pontos são cantados, o dirigente usa o caxixi (instrumento musical). Dois ou três médiuns ficam à direita e mais alguns (depende de quantos estão na sessão) em frente aos presentes que estão sentados. Eventualmente algum médio incorpora a entidade/orixá que está sendo chamado, mas o dirigente já deixou claro que o evangelho não é o momento de haver incorporação. Os médiuns posicionam suas mãos em direção aos presentes que estão sentados, é um passe coletivo. Finalizada a sessão, é distribuída a água fluidificada que fica na mesa.



Palestra do evangelho (junho/2015) Foto: Renata Rennó

1.6 Transição do Fábio para o Candomblé

A ida do dirigente ao candomblé aconteceu em 2008, quando Fábio conversou com Dona Lígia, que já era mãe de santo no candomblé, sobre os pedidos que Oxalá estava fazendo a ele para aprofundar-se no ritual do culto ao orixá de “uma forma bem específica”, e então decidiram fundar um terreiro de candomblé com Dona Lígia como mãe de santo da casa. Fábio comprou um terreiro (não é o mesmo terreiro onde ele fez o centro de umbanda) e teve ajuda tanto da Dona Lígia como de integrantes da umbanda que cediam dinheiro, telha, bloco, cimento, madeira. Fábio chamou seu irmão, que estava desempregado, para construir o terreiro, pagando-o mensalmente. Dona Lígia, apesar de já ter sido iniciada no cargo, nunca tinha tido um terreiro, começando o exercício de mãe de santo com Fábio, seu primeiro filho no santo. Aqui podemos pensar em Leach (1983,

pp. 125-126), quando fala sobre a mãe virgem. Dona Lígia era mãe de santo de apenas Fábio, que não tinha um pai de santo no candomblé. Leach fala que na mitologia há a característica de um herói divino ou semidivino nascido miraculosamente. Como exemplo o autor cita: “Dionísio, filho de Zeus, nasce de uma virgem mortal, Semeie, que mais tarde se torna imortal pela intervenção de seu divino filho; Jesus, filho de Deus, nasce de uma virgem mortal”. Nesse sentido, Fábio pode ser analisado como um ser especial, filho único de uma mãe de santo com pouca experiência.

Fábio tem Oxalá como seu orixá e sentia que precisava cultuar de uma forma mais específica seu orixá. Para Fábio, na umbanda, por mais que se cultue o orixá, não há uma especificidade quanto ao uso de todos os elementos que o orixá utilizaria se “usasse um fundamento africano, porque daí ficaria uma umbanda muito perto do umbandomblé”. Ele não considera o terreiro de umbanda como sendo umbandomblé, considera que usa-se alguns elementos do candomblé, como o bori, mas no seu terreiro não tem sacrifício animal, não tem sangue animal. Em oferendas, usa-se o azeite ou a cachaça como sangue animal. Fábio disse também que em uma incorporação que teve de Oxalá, foi mostrado um terreiro de candomblé em que ele seria iniciado para cuidar dos filhos de santo pelo amor, e não fazendo trabalhos que interferissem no livre arbítrio do outro, “como alguns outros terreiros fazem”. Essa questão da religião voltada ao amor, à caridade, são questões enfatizadas pelo dirigente em todas as linhas religiosas que segue. Ele diz que zelando nossos guardiões, os deuses ficam felizes e isso resultará em uma vida de satisfação e saúde.

Agora o dirigente está passando por um momento de transição, pois já fez sete anos no candomblé e está sendo cobrado pelos orixás para que seja pai de santo. O ritual será esse ano, e Fábio estava planejando afastar-se da umbanda e deixar sua irmã biológica (Karina) como a nova dirigente, e ele participaria eventualmente das giras de umbanda, apenas para auxiliá-la quando fosse preciso, mas essa decisão teve que ser adiada pois o dirigente está sentindo que a corrente (corrente de energia que se forma na gira) ainda precisa de sua presença.

Há ainda outro problema que faz Fábio relutar em transferir-se para o terreiro que Dona Lígia dirige. Nesse terreiro há um pai-de-santo, Jeferson, sobrinho de santo de Dona Lígia, que não é bem quisto pelos integrantes. Alguns adjetivos que ouvi sobre ele, tanto

de filhos do candomblé como de filhos de umbanda foram: explorador, antipático, arrogante, mau caráter. Fábio só iria para o candomblé caso Jeferson se afaste.

Fábio, por sua vez, tem um perfil acolhedor, dá atenção especial aos visitantes e é visto como uma pessoa carinhosa pelos seus filhos da umbanda, o que faz com que a casa sempre receba novos integrantes, e no terreiro de candomblé observou-se uma queda de participantes, até mesmo dos filhos de santo de Fábio que eventualmente participavam do candomblé de Dona Lígia.

Aqui é possível pensar que Fábio trava uma disputa de poder com Jeferson, não o aceitando e se impondo para os integrantes do candomblé, afinal, ele só vai se Jeferson sair. Fábio falou que Jeferson, além de explorar as pessoas no atendimento (trabalhos, bori, jogo de búzios), humilha os filhos da casa. Eu não tive acesso a esse pai-de-santo, mas presenciei, em um toque no terreiro de candomblé, uma integrante caindo no chão (não entendi bem o que aconteceu, primeiro falaram que ela havia caído por ficar “segurando” e não querer receber seu orixá, depois Fábio falou que seriam várias questões, uma delas é que a integrante teria uma doença psíquica e estaria passando por um momento delicado, o que teria influenciado em sua queda) e o pai de santo mandando que outras pessoas tirassem “logo ela daí”. A impressão que tive é que Jeferson não quer mudar a imagem que o fez conhecido, e fiquei com vontade de ir mais vezes ao terreiro para tentar entrevistá-lo. Ele não faz questão de ser acessível, já Fábio pode ter desenvolvido sua empatia para ter vários “filhos”, tanto é que essa é uma das questões que o fazem popular. Fábio transitou por várias religiões (kardecismo, santo daime, umbanda, candomblé) e introduziu um pouco de cada religião em seu terreiro, trazendo uma narrativa individualizada. Com a ida para o candomblé, Fábio levará muitos integrantes do terreiro de umbanda com ele, tentando manter os integrantes do candomblé e levando novos.

Perguntei a Fábio qual a razão de não afastarem esse pai de santo tão criticado e ficar somente ele e Dona Lígia como dirigentes da casa, e Fábio explicou que é preciso que haja uma pessoa que saiba mais de candomblé, pois Dona Lígia só se iniciou, mas não aprendeu a religião. Por ter começado no candomblé já com uma certa idade (hoje ela tem por volta de 80 anos), Dona Lígia não frequentava tanto o terreiro de candomblé a ponto de dominar os fundamentos da religião. O pai-de-santo de Dona Lígia mudou-se para o interior do Estado de São Paulo e a pessoa que mais sabe sobre a religião seria

Jeferson, que veio de Salvador para ajudá-la a dirigir o terreiro. Segundo Fábio, realmente ele domina os fundamentos da religião, mas tem problema no trato com as pessoas. Muitos afastaram-se após a vinda do novo pai de santo e Fábio estava conversando com Dona Lígia para que trouxessem outro pai de santo de Salvador para que ele possa fazer a transição. Na última entrevista que fiz com Fábio, ele falou que realmente iria para o candomblé e que havia conseguido com que Jeferson saísse, e Fábio iria trazer um outro pai-de-santo para o terreiro de candomblé, alguém da confiança dele.

Nas vezes em que fui ao terreiro de candomblé, percebi que a umbanda não é vista com bons olhos, assim como o contrário também é verdadeiro. Assim como no candomblé Fábio evita falar sobre a umbanda, pois “lá eles não acreditam”. Em uma visita ao terreiro de candomblé, quando falávamos da umbanda, Fábio pedia para que falássemos mais baixo. Também no terreiro estudado percebi, de alguns integrantes, resistência quanto ao candomblé. Uma filha da umbanda do terreiro estudado conversou com Fábio pois estava sentindo que precisava ir para o candomblé, “é um pedido das minhas entidades”, disse. Segundo ela, quando pequena sonhava com terreiros de candomblé, mas não entendia o que significava. Começou indo para a umbanda, em uma tentativa de se “acostumar” com as religiões de possessão, e agora sentia que era a hora de ir para o candomblé.

Segundo Birman (1985, p.9), a possessão amedronta por abrigar em uma mesma pessoa “ele mesmo e vários outros”.

Ouvi de algumas pessoas que ela estaria fazendo uma escolha errada e que todos sabiam disso, pois o candomblé é uma religião “que exige muito, nós perdemos a liberdade”. Um integrante alegou que as entidades da menina que queria ir para o candomblé tinham falado em uma gira de umbanda, para todo mundo ouvir, que eles (entidades) queriam ficar na umbanda e pediam para que não a deixassem ir para o candomblé. Essa integrante está frequentando o candomblé hoje, mas não o de Dona Lígia.

Se aos olhos de alguns umbandistas o candomblé é uma religião que exige muito, ao mesmo tempo parece haver uma concordância geral de que é uma religião “forte”, ou mais forte do que a umbanda.

Patrícia Birman (1985) fala que há dois movimentos na religião que caminham em direção contrária:

De um lado, uma certa tendência a valorizar a eficácia da religião associada ao seu poder sobre as forças periféricas e perigosas. De outro, a tendência a valorizar os critérios morais e a hierarquia com base numa ordem evolutiva dos espíritos, dos homens e da sociedade. Como se fossem dois pólos dos quais *tendencialmente* os terreiros se aproximam mais ou menos. (BIRMAN, 1985, p.91, grifo da autora)

No terreiro em questão, percebe-se que apesar do candomblé não ser bem visto por alguns dos participantes (a irmã biológica do dirigente, Karina teria recebido a ordem de seu orixá para que fosse para o candomblé, mas como ela quer permanecer na umbanda, está em “negociação” com a entidade), é uma religião respeitada e muito próxima. Todos conhecem Dona Lígia e quando ela participa das giras de umbanda e incorpora o caboclo por exemplo, é uma das médiuns mais procuradas para fazer consulta.

O caboclo de Dona Lígia dá nome ao terreiro estudado e tem prestígio também por vir de uma religião mais “pura”, “forte”, como o candomblé.

A umbanda pode ser vista como uma religião “deturpada” (Dantas, 1988), visões que encontramos em alguns trabalhos acadêmicos, de Nina Rodrigues à Roger Bastide. Parece que mesmo entre os integrantes de um terreiro de umbanda com múltiplas influências, esse conceito de pureza permanece.



Visão geral do terreiro antes da gira (julho/2015) Foto: Renata Rennó



(julho/2015) Foto: Renata Rennó



Assentamento (símbolos ligados ao orixá) de Oxumaré, é a firmeza da casa.
Molha-se com água ou cachaça para saudar os guias. (julho/2015) Foto: Renata Rennó



Aqui é possível perceber o mariô, palha do olho do dendezeiro desfiado. É usado em volta de todo o terreiro. Serve para proteger, impede que espíritos de baixa vibração atravessem ou passem por baixo. O mariô é de Ogum. (julho/2015) Foto: Renata Rennó



Carruagem e fogueira dos ciganos. A fogueira é acesa quando é gira dessa falange. (julho/2015) Foto: Renata Rennó



Carruagem dos ciganos por dentro (julho/2015) Foto: Renata Rennó

1.7 As Giras

No terreiro estudado é possível que visitantes participem da gira, o que não acontece em todos os terreiros de umbanda. Conversando com uma filha de santo de outro terreiro, ela me disse que estranhava essa “abertura” na gira, assim como não concordou com o uso do Daime ou Jurema na umbanda. Esta inserção que o dirigente promove em seu terreiro, apesar de criticada por umbandistas de outros terreiros, é uma característica que parece agregar mais pessoas. Dantas (1988), diz que os candomblés que recebiam outras influências e que não se caracterizavam como “nagô puro”, eram mais integrados:

(...) o modelo “nagô puro” representaria realmente uma continuidade de instituições culturais africanas que, para aqui transplantadas e conservadas graças à memória coletiva negra, reproduziam-se guardando fidelidade às origens, inclusive nos seus significados, tornando-se assim sinais de resistência. Em contrapartida, os que se misturavam com outras tradições, degenerando da sua pureza original, tornavam-se mais integrados. Obviamente integração e resistência passam a ser avaliadas pelo grau de “pureza”, esta definida a partir dos traços culturais encontrados nos terreiros, e tidos como africanos. (DANTAS, 1988, p.21)

Os candomblés “mais integrados” estariam mais próximos das tradições brasileiras, apesar do “nagô puro” também estar cheio dessas influências. Então um terreiro de umbanda estaria afastado desse modelo de pureza com suas misturas ou desordens.

Em um terreiro com diversas influências, talvez essa “mistura” possa parecer uma desordem, uma falta de coerência que abala a confiança, a segurança, e ao mesmo tempo, poder. Mary Douglas (2010, p.117), fala que a desordem é ilimitada, da mesma forma que estraga o padrão, também fornece materiais para o padrão. Douglas dá o exemplo de uma tribo da Tanzânia, onde um homem tolo era deixado vagando em um bosque para acabar com qualquer feitiçaria que poderia ter acometido o grupo:

Nessas crenças há um duplo jogo de articulações. Primeiro, há uma aventura pelas religiões desordenadas da mente. Segundo, há uma aventura além dos limites da sociedade. O homem que retorna dessas regiões inacessíveis traz consigo um poder inacessível àqueles que tenham permanecido sob o controle de si mesmos e da sociedade. (DOUGLAS, 2010, p.118)

Uma vez, enquanto acontecia a gira, uma menina que era visitante incorporou uma entidade (caboclo). Todo o processo foi muito interessante. Ela foi com a mãe e sentou-se, não querendo participar da gira. Em um momento da gira ela começou a chorar muito, então Fábio foi até ela e falou algumas palavras como: É assim mesmo, deixa vir. (Posteriormente perguntei à Fábio a razão do choro, e ele disse que pode ser tanto pela vibração da entidade se aproximando como por medo, pois muitas pessoas passaram por muita rejeição e sofrimento por conta das manifestações mediúnicas em locais públicos.)

De repente a menina incorporou a entidade de um caboclo e encostou a cabeça no chão de terra batida, que seria para “descarregar” o “aparelho”. Após a gira, fui conversar com a visitante. Ela contou que teve muitos problemas por conta da mediunidade não trabalhada. Teve depressão, incorporava em lugares públicos, enfim, estava confusa e não sabia o que fazer. Indicaram que ela fosse a algum terreiro de umbanda para desenvolver a mediunidade. Ela foi em alguns terreiros de umbanda, mas nenhum a aceitou, alegando que ela precisava doutrinar seus guias. Acontece que ela não sabia como doutriná-los, precisava de um local que a acolhesse para desenvolver sua mediunidade. O terreiro de Fábio foi o único lugar (até o momento) que a tinha aceitado. Quando a filha incorporou um caboclo e Fábio o colocou na gira, a mãe dela começou a chorar muito por finalmente terem encontrado um lugar que não as renegassem. Após uma ou duas semanas, encontrei a nova médium da casa na gira e fiquei impressionada em como ela incorporava várias entidades, agia como as entidades da casa mesmo sem ter participado anteriormente. Ela falou que sua vida tinha melhorado, ela agora estava trabalhando e não teve mais

depressão. Quis continuar acompanhando seu desenvolvimento, mas infelizmente não a vi mais no terreiro e ninguém tinha o contato dela, a única informação que tive é que ela estaria em outro terreiro.



(Agosto/2015) Foto: Renata Rennó

Em relação às giras serem abertas, Fábio explicou que faz isso para que os visitantes possam sentir como é a umbanda. Assim, faz-se um círculo só com os filhos da casa e atrás forma-se outro círculo com os visitantes. Quem não tem interesse em participar e só quer olhar, fica sentado. De qualquer forma, todas as pessoas, mesmo os visitantes que ficam sentados, são defumados e recebem passe da falange do dia. Esse fato possivelmente é mais um agregador de leigos para seu terreiro, já que as pessoas, a princípio, são recebidas como “iguais”, sem sentirem-se impedidas de participar do ritual.

Quando você sente que a pessoa já tem um processo mediúnico e tem uma afinidade com a corrente, você traz ela um pouco mais pra perto mesmo pra ela sentir a vibração da corrente mesmo, pra até ela observar e sentir o seu processo mediúnico. Teve a esposa de um irmão nosso que sempre frequentou a linha kardecista, foi a primeira vez que ela disse que veio num centro de umbanda, ela achou tudo muito estranho, mas foi o único lugar que ela sentiu realmente as vibrações reverberarem no corpo dela. Ela disse que sentiu realmente a mão formigar, sentiu inchaço nas mãos, ela via as mãos vibrando e ela conseguia perceber luzes saindo das mãos delas durante os cânticos e ela tava sentada lá, chegou um ponto que ela não aguentou, ela levantou e fez uma imposição de mãos, tipo, mentalizando a cura da mãe, a felicidade das filhas, o tudo de bom, e ela ficou muito agradecida por aquele processo energético fluir com ela, que ela nunca tinha sentido nada, às vezes até ficava meio duvidosa e foi aqui que ela sentiu que sim.



Momento do passe na gira (agosto/2015) Foto: Renata Rennó

As giras acontecem quase todos sábados do mês, dependendo da disponibilidade do dirigente, e é dividida da seguinte maneira: a primeira semana do mês é gira dos caboclos e os marujos, a segunda semana é dos pretos velhos, a terceira semana dos

ciganos e exus e a quarta semana dos orixás. Os meses que têm 5 semanas, repete-se a sessão dos orixás ou de exu, reveza-se.

Fábio falou que parou por um tempo de fazer a gira de baianos (que conta com bebidas), pois um integrante estava confundindo as coisas e bebendo muito, mas que agora já conversou com o grupo e voltará com a gira dessa falange.

No terreiro as entidades não têm ponto riscado (assinatura da entidade ou do orixá, que fazem alguns símbolos no chão para identificar sua falange), perguntei para o dirigente a razão disso, ele falou que não era uma exigência das entidades, mas que caso alguma entidade ou orixá exija, acatará a ordem. Apenas uma preta velha, quando percebe que alguém precisa de energização de cura, faz o ponto riscado no chão, na frente da pessoa.

Os exus e pombas giras da casa não falam palavrões nem são tão explícitos quanto a sexualidade, apenas insinuam, dançam, sorriem, fazem graça com os integrantes da gira. Segundo o dirigente isso acontece porque são doutrinados:

Se você cultua essa entidade que tem essa força primitiva, primeira, força que vem do poder de criação, né? Exu é quem rege nossa força sexual, é a pulsão de vida de Deus. Ele guarda esses mistérios do princípio da vida. E aí por conta do ser humano vivenciar, vamos dizer assim, essa questão sexual com esse lado um pouco mais permissivo dessa forma, aí eles cultuam o exu com palavrões, ou de uma forma, sensualizando, então aqui ele não vê essa necessidade de trabalhar dessa força com essa forma. Ele vem mostrando a força que ele tem a vitalidade que ele tem sem necessariamente chegar ao ponto de falar um palavrão. Ele pode chegar muito bem cultuando, falando sobre o amor, sobre a força dos encontros, mas sem palavrões e coisas que possam agredir as pessoas. Pra que esse palavrão? Qual a função? Uma coisa meio agressiva. Não basta conversar com eles que eles mesmos já entendem? Já cantam o ponto deles sem necessariamente vir com essas coisas que pode ser muito mais das carências e necessidades fantasiosas de cada aparelho do que propriamente da entidade, sinceramente.

Perguntado se as entidades são seres em evolução, o dirigente responde que sim, a falange de exus e de ciganos está num processo de ascensão espiritual, já os caboclos e preto velhos já estão “bem mais acima”, em uma clara influência do espiritismo.

Observei que na casa há mais mulheres médiuns rodantes do que homens. Curiosamente, na segunda etapa da pesquisa de campo, presenciei muitos médiuns no processo inicial de incorporação. Na primeira etapa vi alguns visitantes incorporando, mas na segunda etapa tenho percebido muitos integrantes da casa iniciando na incorporação, o que me faz questionar se na umbanda a incorporação é um processo

natural de desenvolvimento de seus filhos. Algumas vezes parece-me que não é necessariamente uma incorporação, mas sim uma vontade muito grande da pessoa em ser médium rodante. Outras vezes o processo pareceu-me natural, principalmente de pessoas que sempre afirmaram nunca terem sentido nada além do “axé” das giras. Já outras pessoas passavam-me a impressão de querer incorporar. Mas essa discussão deixarei para o próximo capítulo.



Bori (Momento em que Fábio recebe Oxalá) (setembro/2015) Foto: Renata Rennó

Capítulo 2 – As personagens do terreiro e seus conflitos

*Êh, Yemanjá
Rainha das ondas, sereia do mar
Como é lindo o canto de Yemanjá
Sempre faz o pescador chorar
Quem escuta a mãe d'água cantar
Vai com ela pro fundo do mar*

Ponto de Yemanjá

Após frequentar sistematicamente o terreiro durante aproximadamente seis meses, no ano de 2014 (abril a setembro) afastei-me por alguns meses. Acredito que o afastamento tenha sido providencial para a pesquisa, pois a minha volta (em março de 2015 até outubro de 2015) foi recebida de outra maneira e o meu olhar sobre o ritual e seus integrantes também.

Considero que o trabalho tenha duas etapas: Na primeira etapa da pesquisa acredito que eu estava muito envolvida com tudo o que via, e na segunda etapa estava com olhar com maior distanciamento, questionando-me sobre certas circunstâncias. Foi possível perceber, no entanto, como as ligações entre os participantes podem afetar os rituais, como quando, por exemplo, o médium incorporado despendia maior atenção na hora do passe para pessoas com quem ele tinha maior convívio, como mãe e filha, casais de namorados, primos e amigas. Há um grupo no terreiro que mantém estreito laço de amizade, e o dirigente faz parte dele. Esse é o grupo que parece manter um certo distanciamento dos novos integrantes. Repito que não há hostilidade para com visitantes e novos integrantes, apenas uma resistência sutil, é um grupo que parece não querer que haja abertura. Em “Guerra de Orixá”, Maggie Velho (1977), conta que no terreiro estudado do Rio de Janeiro era possível perceber grupos mais fechados e que pareciam gozar de certos privilégios. As relações que se estabelecem na umbanda ultrapassavam o terreiro e eram primordiais para a existência do grupo, conforme a autora. Na segunda etapa, iniciei as entrevistas, gravações e filmagens, e foi interessante ver que muitos integrantes pediam para que eu os filmasse, para se verem incorporados. As reações eram sempre de surpresa quando se assistiam. A segunda etapa teve início em 2015. Após seis meses afastada, retornei ao terreiro e às pesquisas. Meu olhar estava mais direcionado, talvez por parte do deslumbre pela religião ter diminuído (mas não acabado) e estava participando dos rituais como pesquisadora, pois em 2014, ano que iniciei a

pesquisa, eu ainda não entendia direito a religião e ficava encantada pelos rituais, tudo era muito intenso e eu acabava participando mais como uma nova integrante do que como pesquisadora.

As entrevistas, em sua maioria, não eram muito fáceis de conseguir. Sempre desmarcavam algumas vezes até eu conseguir o encontro. Teve uma vez que esperei cerca de quatro horas para conseguir uma entrevista. Com o Fábio também não era muito fácil, pois ele sempre tinha muitos compromissos e acabava desmarcando, mas havia boa vontade em falar comigo. Parece que entrevistar integrantes não é mesmo algo muito fácil, mesmo com integrantes de outros terreiros era difícil marcar uma entrevista¹⁵.

2.1 Entrevistas

Considero que há três grupos no terreiro: o já citado “privilegiado”, que sabe que tem um “lugar” diferenciado no terreiro, o “antigo”, que é um grupo de pessoas que pode ter alguma relação parental com Fábio ou muito tempo de casa (em geral são pessoas mais velhas que as do grupo “privilegiado”), e os novatos, que podem ou não entrar fazendo parte de um dos dois grupos citados acima.

O terreiro acolhe os novatos, fazendo-os sentir como se fossem integrantes, “filhos da umbanda”, apesar de haver uma clara distinção entre integrantes mais antigos e novatos. Trazer os visitantes para a gira parece ser uma forma do dirigente receber mais integrantes, pois cada vez que eu visitava o terreiro via mais gente nova e as giras mais cheias. A maioria dos integrantes deste terreiro são médiuns novatos, com quatro anos ou menos de incorporação. A casa tem por volta de dez anos de funcionamento.

Citei acima sobre o acolhimento da casa aos novatos e visitantes, mas é preciso fazer uma observação. Percebia que frequentadores novatos encontravam certa resistência dos integrantes da casa. Não me refiro à resistência à participação nas giras, mas resistência para fazer parte do grupo, um grupo que chamo de “grupo privilegiado”. Nunca foi negada nenhuma informação aos novatos, e as pessoas, em sua maioria, eram

¹⁵ Alguns personagens que considerei importantes para a pesquisa, não se dispuseram a falar comigo, sempre desmarcando os encontros até eu desistir. Uma integrante em especial, por algum motivo, tentou inclusive “atrapalhar” meus encontros, apagando meus comentários no grupo da umbanda no Facebook (Por exemplo, quando eu precisava do contato de algum integrante). Aliás, qualquer comentário meu no grupo era apagado e com essa integrante, depois de tentar algumas vezes marcar entrevistas, havia um clima não amistoso, então parei de tentar qualquer contato.

cordiais, mas conforme eles tentavam maior aproximação, sentiam alguma resistência até para responder dúvidas corriqueiras que surgiam. Um caso que para mim foi emblemático aconteceu quando eu estava com um grupo de pessoas conversando com o dirigente e quando eu fiz uma pergunta, um integrante riu muito, como que achando graça da minha ignorância religiosa (mas logo um outro integrante me respondeu). Outro acontecimento que chamou minha atenção foi o início do desenvolvimento mediúnico de uma integrante da casa. Apesar de ser uma integrante antiga, não faz parte do grupo citado acima. Ela nunca havia incorporado, mas era nítido seu desejo em se tornar “aparelho”¹⁶. O desenvolvimento dela está acontecendo de uma forma diferente dos que usualmente observamos na gira. Ela dança muito, os braços permanecem abertos (o que faz com que todos se afastem) e sorri o tempo todo. Observei algumas pessoas comentando e rindo. O mesmo ocorreu com uma outra integrante novata que estava incorporando pela primeira vez e foi motivo de discretos risos dos integrantes do grupo “privilegiado”. Não notei sorrisos ou comentários no início do desenvolvimento dos participantes antigos do grupo

Para entender melhor essas questões, irei analisar as entrevistas realizadas. A primeira entrevistada foi Bia, jovem adulta, funcionária pública, está no grupo há mais ou menos 4 anos. Foi levada por uma integrante do grupo, e apesar de ser médium e estar na casa há bastante tempo, não faz parte do “grupo privilegiado”.

A conversa com ela foi muito fácil, assim como foi com todos que não fazem parte desse grupo. Foi ela que falou sobre a posição dos integrantes na gira, como o “grupo privilegiado” se mantinha sempre próximo à Fábio. Bia também falou perceber como o grupo acabava excluindo os novatos ou outros integrantes. Por exemplo, em uma ação que o grupo fez para ajudar crianças carentes, ela ofereceu ajuda e mantimentos, mas disse que ninguém a procurou para participar do evento. Fotos da ação mostram que só o “grupo privilegiado” estava presente. Ela não soube explicar como se formou esse grupo, pois ela também participa da casa há um bom tempo, só disse que sente essa exclusão, mas não por parte de Fábio, que considera “um pai”. Bia contou que certa vez levou uma amiga ao terreiro e esta amiga não quis mais voltar, pois se sentiu mal com os integrantes, excluída ou não bem-vinda. Bia disse que ela gostou do dirigente mas não quis voltar pelo grupo.

¹⁶ Chamam de aparelho os médiuns rodantes, ou seja, os médiuns que incorporam as entidades e os orixás.

Outro assunto que Bia levantou foi sobre os cuidados que médiuns em desenvolvimento do “grupo privilegiado” recebem de seus colegas, apoio para não desequilibrar, arrumam a roupa do médium, enfim, cuidado esse que ela não recebeu e não vê médiuns novatos que não fazem parte do grupo receberem.

Bia também falou sobre duas pessoas muito citadas nas entrevistas: Carla e Joana. Carla é uma nova integrante levada por um amigo que integra o “grupo privilegiado”, mas, apesar disso, não faz parte dessa turma. Aliás, algumas pessoas com quem conversei, não gostam de Carla e a razão é simples: ela confunde (ou simula, como ouvi) suas incorporações. É perceptível os olhares lançados sobre ela quando começa a incorporar. Carla faz movimentos bruscos, faz muito barulho e chama a atenção de todos, o que faz com que Fábio também não goste e chame sua atenção.

Conversei com Carla algumas vezes e ela disse que se sente muito bem aceita na casa. Pareceu-me um pouco ingênua, e eu não tenho certeza se suas incorporações são falsas ou se são apenas confusões que ela faz por querer muito incorporar. Acredito que por esse motivo Carla não tenha entrado no “grupo privilegiado”, apesar de ter sido levada por um deles.

Joana, a outra participante muito comentada, não quis dar entrevista. Tentei por diversas vezes mas sempre havia uma desculpa. Joana foi uma integrante controversa: alguns integrantes antigos e alguns novos integrantes entrevistados não gostam dela. Os motivos são variados. Bia relata que percebe as brigas entre o “grupo privilegiado” e Joana, e essas brigas podem não ser tão explícitas para quem está de fora. Mesmo Fábio, de uma certa (e discreta) forma, se posiciona nesse embate, como veremos mais adiante. Também há acusações de que Joana não incorporaria, que suas incorporações seriam falsas e que ela usa seus guias para falar o que quer. A entrevista a seguir pode exemplificar um pouco essa questão.

Márcia é jovem, profissional liberal e veio de uma família umbandista, frequenta o terreiro há quase cinco anos. Marcia foi levada por uma amiga que faz parte do “grupo privilegiado” e ela também faz parte, hoje, desse grupo. No começo das entrevistas eu procurei sempre falar sobre a história do entrevistado, a razão que o fez ir até a umbanda e como se sente no terreiro para depois entrar nos conflitos. Eu acabava falando sobre algumas coisas que eu sabia que o entrevistado estava ciente mas não queria me contar, eu fazia isso para quebrar o gelo e a pessoa saber que poderia confiar em mim e também

saber que eu já estava ciente de muitas coisas que eles procuravam omitir. Márcia contou que frequenta o terreiro há quase cinco anos, quando ainda Dona Lígia era a mãe-de-santo. Disse que começou a incorporar há pouco tempo pois antes ficava receosa, travava nas giras, mesmo vindo de uma família umbandista.

Marcia falou que não sentiu resistência ao entrar no grupo, muito pelo contrário, foi logo acolhida. Nessa hora da entrevista, ela conta o que viu na casa durante o tempo em que está lá:

“Eu já vi algumas coisas acontecerem ali: pessoas que frequentavam e não frequentam mais, pessoas que já foram (para o terreiro) duvidando do processo mas que não são filhos da casa (...), gente que, de repente, se aproveita de incorporação pra outras coisas, assim, tem a questão da bebida (...)”

A partir desse momento, Marcia passa a elogiar Fabio por sua postura ética e deixar tudo muito claro aos integrantes (sobre o que pode ou não pode no processo de incorporação), pois ele já avisa que médium que está iniciando é proibido de beber e de fumar. Voltei a questioná-la sobre como lidar com os egos das pessoas que estão incorporando, e Marcia fala sobre o processo de reforma íntima:

“Ali ninguém é santo, não somos nem seremos, e cada um tem seu processo para dar conta (...) mas lógico que somos seres humanos, então, sei lá, uma incorporação que seja mais “assim”, e aí a pessoa fica olhando, fica estranhando, fica repreendendo de alguma maneira. Ou uma pessoa que ‘Ah, porque eu tenho muitos guias...’ Isso existe. ”

Perguntei então como ela via a entrada de novos integrantes para o grupo. Ela respondeu que a questão para ela é se esse pessoal novo está comprometido, pois todos que chegam para agregar e querer o melhor para si, ela acha válido, mas que se a pessoa se compromete mas ainda sim continua com sua vida sem mudar nada, sem guardar o dia do seu Orixá, sem evitar locais com muita gente, que assim não estaria se levando a sério a religião.

Márcia também fala que evita entrar em conflitos e que caso alguém que ela não goste, comece a frequentar o terreiro, para ela seria muito difícil mas ela tentaria entender e refletir sobre o desprendimento de que Fábio fala, além de que o terreiro é um local público. Márcia não se indis põe diretamente com ninguém, mas com Joana ela não mantém uma estreita amizade, até porque Joana tem conflito direto com a melhor amiga de Márcia, Verônica.

Questionei Márcia a respeito do “grupo privilegiado”, se ela achava que havia esse grupo (do qual acredito que ela faça parte), e como esses privilégios interfeririam na gira.

Eu não sei até que ponto existe um privilégio ou existe um grupo que está contra isso. Por exemplo, eu já frequento lá há cinco anos, mas tem gente que frequenta lá há oito, nove, dez anos. No meu entendimento, a pessoa que frequenta há mais tempo que eu, de alguma forma, eu vou tratar essa pessoa de uma forma diferenciada da pessoa que chegou hoje. (...) Não estou privilegiando a pessoa que está mais tempo, existe um respeito maior por uma pessoa que está mais tempo, porque a pessoa que está há mais tempo conhece o processo do que quem chegou há um mês, um ano. (...) Vamos baixar a cabeça e vamos entender que ali dentro existem pessoas que estão há mais tempo que você e que, consequentemente vai (sic) saber mais coisas que você. (...) Será que é privilégio ou será que são pessoas que estão há mais tempo lá(...) Eu tenho que pedir a benção à Val e à Fábio porque tem uma hierarquia que eu tenho que cumprir.

Se Márcia pensa assim sobre quem está há mais tempo, será que ela acredita que as pessoas que chegaram agora no terreiro devem esse respeito à ela e ao seu “grupo privilegiado”? Houve uma certa resistência em aceitar que há um grupo que se considera privilegiado, ou mais íntimo ou mais aceitos pelo Fábio, mas com essa resposta percebo que o próprio grupo sabe disso e parece fazer questão de manter-se nesse patamar. Ela falou também sobre a afinidade que ela tem com algumas pessoas e com outras não, mas ainda insisto de que essa afinidade só estaria no “grupo privilegiado”. Será que se Márcia levasse uma amiga para o terreiro, essa amiga não seria incluída rapidamente no grupo? Acredito que sim, se essa amiga começasse a frequentar sempre.

Todos que entrevistei do grupo negam qualquer privilégio, enquanto os que estão fora do grupo rapidamente identificam e contam casos em que se sentiram excluídos.

Márcia falou que fica muito claro os grupos de amizade que se formam no terreiro. (Para mim, fica claro o “grupo privilegiado” e os que não fazem parte). Ela reconhece que nunca sofreu nenhum tipo de resistência por conhecer o pessoal mais antigo da casa, e não saberia dizer se percebe que outras pessoas sofram essa resistência. Márcia não aceitou bem o termo “privilegiado”, disse que não sabia se era privilégio pois mesmo se houvesse um grupo mais fechado querendo mandar, o Fábio é quem manda e ele é acessível. Aqui eu gostaria de fazer um adendo: conversando com uma pessoa que vai ao terreiro esporadicamente, ela disse que se sentia muito solta, que ninguém explicava o funcionamento do terreiro para ela, que era difícil contato com Fábio. Todos sabem que Fábio não tem tempo e é difícil marcar alguma coisa com ele, mas não inacessível. Ela disse que já pensou em parar de ir ao terreiro por conta de se sentir quase invisível, sem um auxílio do dirigente. Em contrapartida, os filhos da casa sempre elogiam muito Fábio,

a única reclamação recorrente é sua falta de tempo, mas os integrantes mais antigos parecem ter menos dificuldade para falar com ele, Márcia mesmo disse que o que poderia acontecer é uma pessoa mais próxima conseguir falar antes com Fábio do que um novato, mas que se o novato insistisse, conseguiria falar com o dirigente.

Márcia faz um relato interessante sobre um evento em que os conflitos interferiram na gira. Ela começa falando pausadamente e com muita cautela, talvez preocupada em não identificar os atores, mas eu sabia que se tratava de Joana e Verônica. Nesse dia, por acaso, eu estava lá e também presenciei: “Olha, eu já vi médium incorporado, teoricamente incorporado, que soltou piada para outro médium, e que você sabe que aquilo não é (incorporação), é dela”.

Aconteceu o seguinte: Joana não se dá muito bem com Verônica, que eu chamaria como sendo uma das principais, ou líder do “grupo privilegiado”. Ambas estavam incorporadas de erê, a falange das crianças. Joana, ou seu erê, começou a falar que o erê de Verônica era exibido, queria chamar a atenção, ficava falando alto, etc. Mas ao contrário do que Márcia falou, Verônica, ou o seu erê, não ficou calada e respondeu Joana, começando uma pequena discussão disfarçada por risadas e sorrisos, até o dirigente interferir.

Quando pergunto sobre pessoas que têm um desenvolvimento mediúnico “diferente”, ou que fazem muito barulho, ou que se movimentam mais do que “o normal”, se Márcia percebe que há risadas e comentários, ela concorda e diz que sempre há, tanto na hora da gira como depois. Márcia também conta que no bori que ela participou, o comportamento de algumas pessoas a incomodou, como gente que deitou no meio do ritual. Essas revelações só foram possíveis após eu fazer observações sobre as giras e como eu achava que as relações conflitivas apareciam no ritual. Não pude ser uma questionadora isenta pois senti que dessa forma eu não conseguiria confissão de nenhum entrevistado.

Conversei também com dois frequentadores novatos, estão no terreiro há mais ou menos um ano e não fazem parte do “grupo privilegiado”. São jovens estudantes. São médiuns em desenvolvimento, como a maioria dos médiuns do terreiro. A diferença de entrevistar novatos é que eles chegam rapidamente ao ponto do que eu quero saber, dão nomes e tudo é mais explícito. Com integrantes antigos sempre há cautela em contar e principalmente, nunca dão nomes, só falam se eu falar antes.

Marta e João foram convidados a irem para o terreiro após uma visita à Santa Casa, onde acontecem os rituais de Daime. Fábio foi quem os chamou. Eles contam que a umbanda os ajuda no processo de amadurecimento e são apaixonados pela religião. João conta que no início não percebia nada de diferente nas relações pois estava maravilhado com a umbanda, mas conforme foi tendo mais convivência com os outros integrantes da casa, percebeu que havia uma “batalha” para enfrentar:

João: (...) Você vai percebendo maneiras, feições, todas aquelas coisas que você começa a fincar mais os pés no chão e saber que a batalha não é só no sentido espiritual. Apesar que essa questão envolve o espiritual também, pois envolve grupo de pessoas que se encontraram por algum motivo e que convivem de certa forma e que tem que lidar uma com a outra (...) Isso, principalmente em certos momentos, em certos dias, isso é bem complicado de lidar. Você pensa: como as pessoas estão aqui dentro perdendo tempo com isso? Aí você também começa a questionar outras coisas da própria religião. Se você deixar entrar nisso, complica muito.

Marta: Mas isso acontece com qualquer grupo de pessoas, não só porque a religião prega paz, amor, que vai ser diferente. É como qualquer grupo.

João: Sim, mas pesa mais na religião pelo o que você estuda. Realmente a gente não tem que se importar com isso, mas não é todo dia que estamos bem para abstrair tudo isso.

Perguntei se achavam que essas relações interferiam na gira ou se não interferiam, e se sim, como acontecia. João prontamente respondeu que percebe, principalmente quando na gira é usado as plantas de poder (Ayahuasca e Jurema). Para João, não só na gira como fora da gira fica claro certas competições ou intrigas. Na gira, tanto João quanto Marta, disseram que perceberam que o trabalho havia parado porque todos ficaram olhando uma pessoa que estava em desenvolvimento mediúnico, tanto que o Fábio teve que chamar a atenção.

Eles acreditam que não há um grupo privilegiado dado (pelo dirigente), mas sim pessoas que acham que são privilegiadas, que criaram essa situação. Pensam que são privilegiadas por estarem mais tempo na casa, ou pela relação mais íntima com Fábio. Isso foi reiterado algumas vezes durante a entrevista, pessoas com maior intimidade com o dirigente se achariam mais privilegiadas. Eles dizem que não são maltratados, mas que varia do dia, tem dia que eles chegam e são muito bem tratados e outro dia que são ignorados pelos integrantes (salientam que nunca pelo Fábio).

João: Eu percebo bastante muita hipocrisia, muita falsidade, muitas falsas verdades mesmo. No próprio dia você vê a pessoa falar uma coisa e a ação não condiz nada com o que ele está fazendo no final da tarde. E isso, principalmente essa semana, essas últimas duas semanas, que outros instintos meus vieram a tona (...) pra não quebrar tudo e todo mundo lá dentro (eu pensei): Eu vou

deixar de ir então. Mas não é o caminho, nem quebrar tudo nem deixar de ir muito menos porque é um atraso pra mim. (...) Mas eu acho que não é só uma questão material, física, mas espiritual mesmo.

João acredita que Fábio percebe esses conflitos, mas que por ser o dirigente, essa fica sendo uma questão muito delicada. Ele pode tentar controlar para não ficar algo tão explícito mas não tem muito o que fazer. Nesse momento, João e Marta contam sobre uma briga que houve entre o “grupo privilegiado” e que foi tão forte que chegou à Fábio, que antes de uma gira deu uma bronca generalizada falando que não queria mais esse tipo de discussão entre eles. João e Marta contam o que houve:

Marta: Esse foi um caso extremo, uma briga, todo mundo tava vendo, uma esculhambação no whatsapp por uma coisa pequena.

João: Essa briga eu não lembro exatamente o que foi, mas foram questões de limpeza, de arrumação. Quem vai fazer, quem não vai fazer. Tinha que fazer uma lista de um rodízio que vai separar, e querendo ou não, essa pessoa que reclamou mais, obrigatoriamente, durante a semana ela ia estar nesta lista e ela ia ter que ir. E aí ela começou envolver coisas do tipo: Mas quem são vocês pra falar? Quem fala é lá em cima (as entidades). Isso, na minha opinião, piorou a situação dela, porque se ela tem a consciência disso, aí que ela tinha que fazer mesmo, é a casa dela. E essa questão das fofquinhas, das intriguinhas, atrapalha até nisso. Como você quer ter um trabalho que flua da melhor forma possível se nem a parte da arrumação e da limpeza, que inclusive, faz parte do trabalho espiritual, porque é um cuidado do lugar onde você recebe as entidades, vai ofertar(...).

Apesar dessas intrigas, tanto João quanto Marta acham que nesse terreiro os conflitos são menores do que eles “já viram por aí”. João também comentou que percebe certas preferências na hora da gira. Marta comentou que um médium dá um passe bem rápido nele e em outras pessoas que esse médium teria mais intimidade, os passes são mais demorados. E como explicar isso se estariam incorporados? João e Marta acreditam que isso ocorra pois os médiuns do terreiro ainda são iniciantes, e poderia haver confusão, animismo¹⁷. Eles falaram também a respeito de Carla, a nova integrante que causa certo mal-estar com suas incorporações muito “chamativas”. Eles falaram que ela incorporou também no evangelho e que chamou a atenção de todos. Pergunto se o querer incorporar não acabaria resultando nessas confusões, pois acredito que incorporar faça parte do processo de aceitação do grupo. Não é a questão principal, pois pareceu-me que a questão principal para ser aceito é ter intimidade com Fábio ou com alguém do “grupo privilegiado”, mas é uma questão que parece fazer parte de todos que começam a frequentar o terreiro, afinal a incorporação pode ser vista como um ato fascinante. Marta

¹⁷ Animismo é quando o médium acredita que esteja incorporado mas não está. Há uma confusão entre o que é da incorporação e o que é do médium.

citou uma outra médium que estava incorporando pois começou a tocar o ponto de sua entidade (pomba-gira), mas rapidamente mudaram e começaram a tocar o ponto de outra entidade (exu) e essa médium disfarçou e não ficou mais em processo de incorporação. Marta quis dizer que ela não estava incorporando mas sim, fingindo quando começaram a tocar o ponto que ela achou que fosse da sua entidade.

Perguntados se a partir do momento que eles começaram a incorporar eles sentiram que o grupo ficou mais aberto para eles, a resposta é não:

João: Eu senti os dois lados, só que mais pro negativo, de ficarem olhando pra gente e eu saber que estava sendo julgado. Não me ajudaram no início do desenvolvimento, você sente nitidamente a competição: 'eu faço mais, eu recebo mais, eu sinto mais, eu tenho mais'. Isso acontece também no Santo Daime, por exemplo. (...) No terreiro eu sinto, tipo: 'Quem é esse menino que chegou agora e já tá assim?'

Quando perguntei se eles acreditam que todos os novatos sintam essa resistência do “grupo privilegiado”, Marta responde que sim, a não ser que esse novato seja levado por alguém mais antigo do “grupo privilegiado”. Marta respondeu exatamente o que vi no terreiro. Uma moça que começou a namorar um integrante do grupo, logo foi aceita e incluída, fazendo parte de todos os eventos sociais que o grupo realizava fora do terreiro. Apesar que Carla também foi levada por um integrante do “grupo privilegiado”, mas pela sua postura diante suas incorporações, a não aceitação do grupo em relação a ela foi evidente. João acha que Carla se expôs demais no seu processo, pois diversas vezes Fábio chamou sua atenção explicando que ela não estava incorporada, somente irradiada.

Outro assunto que os dois falaram durante a entrevista é como o “grupo privilegiado” usa as entidades para atacar alguém. Por exemplo, “essa Padilha, não sei não...” quando querem insinuar que alguém bebe muito ou que é promíscuo, aproveitando da fama que as pombas-gira têm para quem não conhece a fundo seu significado. Essa visão popular e vulgar da pomba-gira e do exu, apesar dos umbandistas entenderem como entidades iluminadas, em conflitos podem ser usadas com o sentido comum que conhecemos (pomba-gira vista como prostituta, bebe e fuma muito e exu como uma entidade do mal). João argumenta que esse tipo de ataque não deveria ocorrer na umbanda, já que todos têm outro entendimento sobre essas entidades. As pessoas que foram atacadas dessa forma responderam como: “Eu não sou Padilha, eu sou das águas (Yemanjá)”. Isso mostra que nos conflitos interno do “grupo privilegiado”, a simbologia

de entidades que eles cultuam pode acabar sendo vistas de uma forma quase preconceituosa. Marta disse:

Eu acho que essa conexão que as pessoas falam é mais de achar que Exu tá protegendo, que Exu é forte, que se alguém chegar perto o Exu vai fazer alguma coisa. Só isso, eu acho. Mas não é uma conexão forte de uma amizade, de respeito. Como se ele fosse um cachorro de guarda, algo assim, que vai acabar com quem chega perto dela.

Tanto João quanto Marta acreditam que mesmo que Fabio tenha maior proximidade com o “grupo privilegiado” e encontrem-se fora do terreiro, o grupo teria que ter “maturidade” para separar as coisas e não deixar isso tão explícito no terreiro. Acredito que o grupo não queira deixar essa ligação com Fabio escondida, aliás, as disputas para ver quem tem maior intimidade com Fabio são explícitas. Marta conta que uma vez estava sentada em um sofá na casa de Fabio pois estava passando mal, e alguém do grupo pediu para que ela saísse pois o lugar seria de Fabio. Isso também é uma forma de mostrar intimidade com o dono da casa, sem contar as conversas que mantem com Fabio em um quarto afastados de todo o pessoal que está no terreiro. O “grupo privilegiado” se mantém enquanto mantiver esse “status”, status esse mantido por ambas as partes.

Joana volta a ser assunto nessa entrevista. A princípio eu achei que Joana fizesse parte do “grupo privilegiado”, mas depois soube que não, inclusive, como citei anteriormente, ela é brigada com uma menina que eu vejo como líder do grupo, Verônica. Eles falaram que percebiam que Joana queria ser a dirigente da casa, “quer saber mais do que todo mundo, inclusive mais do que Fabio”, e ela é muito atacada pelo grupo. Eu acredito que para o grupo é importante manter uma inimiga em comum, um alvo, pois assim os conflitos que possam surgir no interior do grupo acabam sendo diluídos quando unem-se contra alguém externo.

João e Marta também sentiram as mudanças de humor de Joana. João disse que acha que acontecem muitos ataques por todos saberem muito da vida do outro, e acha que o melhor é não comentar muito nem sobre as experiências mediúnicas, principalmente para Joana, que já tinha sido uma pessoa agradável e disposta a ajudá-los e depois os ignorou. João e Marta falam que muitas coisas ruins que eles presenciaram no terreiro, eles não falam para Fábio por acreditar que Fábio é muito ocupado e não teria tempo para ouvi-los, ou ele poderia achar bobagem ou até mesmo considerá-los fofoqueiros. Nas entrevistas, as únicas pessoas que falam diretamente para Fábio o que as incomodam são

as pessoas do “grupo privilegiado”, e mesmo assim não sei como isso se dá, pois percebo uma grande preocupação em passar algumas informações para o dirigente. De qualquer forma, está claro que os novatos não se sentem à vontade para falar desses conflitos com Fábio. João e Marta também comentaram sobre um caso de homofobia ocorrida no terreiro que eles presenciaram, que eles acreditam que Fábio não estaria ciente. Eu conversei com Fábio e ele realmente não estava ciente de muitas intrigas que lá ocorrem, mas ele sabe que há uma disputa de poder no terreiro para ser seu braço direito.

João acredita que internamente haja muitos ataques entre o “grupo privilegiado” e questiona como o grupo pode crescer (ainda mais com a reforma que estavam fazendo) se continua com esses ataques e conflitos, que o principal da casa é a unidade, serem todos uma família, e por enquanto isso não ocorre, pelo menos não para os entrevistados que não fazem parte do grupo. Como desenvolverei mais adiante, mostrarei que é possível o grupo manter-se apesar dos conflitos.

João e Marta também contaram um fato que eles presenciaram de exclusão social. Apesar de no terreiro ir, em sua maioria, pessoas que fazem parte da chamada classe média/alta, também frequentam pessoas de níveis sociais menos favorecidas. João contou que a funcionária da casa de um integrante foi em uma gira, e a todo momento era ela quem era chamada para fazer café, enquanto os outros ficavam sentados. Eu não presenciei essa cena, sempre que fui, os próprios integrantes faziam o café ou pipoca. Aliás, eram geralmente os integrantes mais antigos que podiam ficar na cozinha. Contaram um outro fato, de um menino que foi levado para o terreiro pelo Fábio e que teria diminuído suas idas por conta de alguns conflitos, de acusações de que ele não tocaria o atabaque direito.

A próxima entrevista é com Verônica, que eu considero como uma das principais do “grupo privilegiado”. Quando digo principais, é no sentido de entender que de alguma forma ela lidera o grupo, tem força até junto a Fábio. Verônica frequenta o terreiro há sete anos, e foi levada por outra integrante. Ela tem alguns parentes no terreiro e alguns amigos de longa data, que conheceu fora do terreiro. Ela diz que ultimamente tem levado muitas pessoas para o terreiro e fica muito feliz com a chegada de novas pessoas, pois para ela a umbanda foi fundamental, ela diz que sua vida mudou muito a partir do momento que começou a frequentar a umbanda. Esse, aliás, é um argumento muito usado pelos integrantes, todos entrevistados falaram o quanto suas vidas tinham mudado a partir do

momento que começaram a frequentar o terreiro. Verônica citou Carlos, que é um novo integrante levado por sua namorada que faz parte do “grupo privilegiado”. Verônica disse que faz questão de cuidar de Carlos e ajudá-lo, assim como a ajudaram em seu início do desenvolvimento mediúnico. Aqui faço um parênteses: realmente houve essa ajuda, mas será que só ocorreu por Carlos namorar uma integrante do grupo? Não digo que não há ajuda para novatos, mas talvez um olhar especial nas giras para integrantes do seu grupo.

Verônica disse que poderia ter gente que teria um lugar mais privilegiado no terreiro e que essas pessoas poderiam ter medo de perder esse lugar, mas que não achava que isso fosse uma condição geral. Mesmo assim, ela disse que não acha que essas questões interfeririam nas giras. Ela também explicou que por ficar muito tempo incorporada, ficaria mais difícil de perceber essas questões. Verônica disse que muitas vezes ela ficava muito tempo com pessoas desconhecidas, pessoas que teriam uma ligação muito forte com seus guias e que não fariam parte do grupo dela. Falando em grupo, ela admitiu que há um grupo privilegiado e que ela fazia parte, e eu soube que em outra situação ela comentou brincando que o grupo era “especial” e o resto era “menos importante” ou algo do gênero. Ela explica que o grupo já existia anteriormente ao terreiro. Ela concorda que é um grupo fechado, mas não que isso possa interferir na gira. Citou o exemplo de Carla, que foi levada por um amigo dela, mas que ela não gosta por achar que Carla finge incorporar e “dá muito show” nas incorporações:

Ela quer chamar a atenção, ela não é menininha. (...) Quando você começa (na umbanda), você quer incorporar, falo por mim. Você sente seu guia ali, opa, ele tem que vir! Não, não tem que vir. Quanto tempo eu demorei a entender isso? Dois, três anos, pode ser que ela demore sete. Você acha que nunca aconteceu isso comigo, de eu estar irradiada e achar que estava incorporada? Com certeza já! Eu não lembro, mas já deve ter acontecido.

Verônica insiste em falar sobre as relações de amizade que o “grupo privilegiado” mantém desde antes do terreiro, e que por frequentar a casa há muito tempo, também acabou ficando íntima de Fábio, passam feriados juntos, etc. Ela disse: “A gente levou essa amizade lá pra dentro, não foi que ficamos amigos lá e nos fechamos”. A partir daí penso que essa disputa de poder é mantida pelo grupo e involuntariamente por Fábio. Verônica fala que muita gente fica com ciúmes dessa relação com Fábio, o que pode acontecer mesmo e esses ciúmes também acabam acirrando essa disputa. Com a disputa viva no terreiro, com Fábio sendo de alguma forma mais atencioso com o “grupo privilegiado”, o grupo tem mais força para se manter nesse patamar.

Verônica fala que de vez em quando “tira onda mesmo” pois sabe dos ciúmes que provoca em algumas pessoas, mas que isso seria um processo dela, que ela também precisa melhorar mas é humana e por isso, passível a erros. Verônica também admite que tem problema direto com um integrante do terreiro. Ela está falando de Joana: “Eu tenho problema direto com uma pessoa ali, porque eu não aceito o que é feito, e assim, se fizer na minha frente, eu vou dar uma ‘piada’. Ela é um grande problema”. Quando perguntei se Joana já fez parte alguma vez do “grupo privilegiados”, Verônica foi incisiva: “Não, nunca foi!”

A forma como ela se coloca, várias vezes ela já foi colocada no lugar dela. O que que eu disse a você quando você estava passando por esse processo? Renata, eu tô falando o que eu acho, eu não tenho conhecimento pra isso. Todo mundo que me pede qualquer tipo de ajuda, eu só digo uma coisa: eu não sei, comigo aconteceu isso, isso e isso. Pense se não é assim, qualquer coisa você fala com Fábio. (...) Eu jamais vou me colocar como uma segunda pessoa ali, porque, eu posso ter mais tempo, mas pode ter gente que estude muito mais e que tenha muito mais base teórica e vai na prática só confirmar o que leu e saiba mais do que eu. Realmente, quando você passa sete anos num lugar, você sabe muita coisa, agora você sabe pouco diante do que é, entendeu?

E voltando para Joana:

Qual a questão dela? Fábio já disse várias vezes que ela... Cara, ela trata mal uma pessoa porque chegou perto dele, não é só de Valter que ela tem ciúmes. (Valter é um menino com quem Joana manteve um relacionamento), ela tem ciúme de Fábio. Muito. Ela fica brava com a gente. Por que? Porque a gente tem mais tempo lá, e ela fica (com ciúmes), é fato.

Sobre a briga entre os erês de Joana e Verônica, Verônica comentou:

Eu não lembro, depois minha irmã veio me falar. O que acontece? Eu tive troca de orixá na minha coroa. Eu era filha de Oxossi com Oxum e agora Oxossi saiu completamente da minha coroa, sete anos depois por causa da Oxum, Oxum tomou a frente. Vira e mexe eu e Fábio conversamos sobre isso, e ela (Oxum) deu indícios a vida toda, sete anos que ela dá indícios que ia tomar a frente. E eu achando que era Iansã, como eu tenho Iansã, achando que Iansã ia tomar a frente. E ela tentou, dois anos que ela tentou e Oxum não deixou. A minha erê que é da Oxum, eu incorporei primeiro que o de Oxossi, porque eu tenho dois (erês). Então ela (erê de Oxum) sempre foi muito ousada, muito. Então ela descia só depois dele, porque antes ela descia antes, quando ela descia aí Fábio botava pra subir pro menino descer, por uma questão de hierarquia na minha coroa, justamente para que não tomasse a frente do erê. Isso foi desde o primeiro ano e ela sempre foi muito ousada. Esse ano pra cá ela deu uma acalmada, só que quando ela chega... Isso eu tô dizendo porque algumas coisas eu lembro, mas esse dia especificamente eu não lembro.



Início da gira de erê (setembro/2015) Foto: Renata Rennó

E continuou:

Eu sei que ela (erê) é assim, antes dela ir embora todo mundo tem que dar tchau à ela, ela gostava de fazer um palco. Aí, diz que ela falou alguma coisa: Ói como eu tô bonita! Aí parece que a erê de Joana respondeu: Todo mundo já viu! É assim mesmo. Mas tipo, ali não foi a erê dela, mulher, entendeu? Ela tem problemas comigo, é fato isso. Essa questão do médium interferir na entidade, isso é muito fácil de ser feito, é só o médium não estar firmado¹⁸.

Eu perguntei o que ela achava, se era um animismo ou Joana estava fazendo conscientemente, e Verônica respondeu que era consciente.

Vou te dar outro exemplo: uma vez ela estava incorporada da vovó, e eu não estava. Eu vi que a vovó dela queria alguma coisa, e ela olhou pro lado e quem estava? Eu. Ela virou pra frente, aí eu fui até ela e falei: oi vovó, sua benção, a senhora está precisando de alguma coisa? Ô minha filha, tô (...) – Não se preocupe não que eu vou providenciar. Ela tem muitos problemas comigo, mas é problema dela.

Falei para Verônica que outros entrevistados falaram que ficavam receosos de pedir conselhos para as entidades e na verdade o médium não estar incorporado, ela respondeu que teve uma época que eles perceberam que isso estava ocorrendo frequentemente, e aí Fábio colocou um cambono (ajudante) ao lado de cada preto velho e não os deixava atender.

¹⁸ Médium firmado, firmeza, são palavras muito usadas nesse terreiro. Significa que o médium não está muito bem conectado com a entidade ou Orixá.



Atendimento dos Pretos-Velhos na gira (setembro/2015) Foto: Renata Rennó



Oferenda (primeiro plano) e ao fundo atendimento dos pretos-velhos. (setembro/2015) Foto: Renata Rennó

Verônica falou sobre o problema que é deixar-se deslumbrar pelos elogios que recebe e que por isso ela se policia:

Eu me policio muito. Eu tenho um jeito de sempre tomar à frente das coisas, sempre fui assim, na escola era líder da turma, é meu jeito. Diante de Fábio, eu fico quieta. Eu posso saber fazer tudo, se você me perguntar se eu sei fazer um bori, eu sei fazer o bori todo, mas eu não vou botar um feijão no fogo sem perguntar a ele, porque meu papel ali não é esse. Só que se ele pede: minha filha, tome conta de tudo. Onde é que vai meu ego? Se ele chega pra mim e fala um negócio desse, que ele não vai falar... Tipo, ele deixa tudo dos Boris na minha mão e na mão de minha mãe, principalmente na mão de minha mãe. Veja a diferença de uma pessoa experiente: minha mãe se sente bem, se sente útil. Se eu tivesse no lugar dela, talvez o meu ego fosse estourar. Então eu me policio.

No terreiro de umbanda pesquisado é muito falado a questão do ego, do não se deixar influenciar por elogios ou críticas. Para eles, esse é um ponto importante para que haja a “evolução do ser humano”.

Verônica acredita que Fábio saiba dos conflitos mas não expõe para todos, interfere individualmente, conversando com cada pessoa sobre o problema. Verônica mesmo disse que já foi chamada diversas vezes por ele.

A próxima entrevista foi com o Fábio. Entrevistei-o diversas vezes, mas acho que apenas na última vez eu soube dar o tom certo para poder coletar as informações que eu precisava. Perguntado se ele percebia os conflitos que existem no terreiro, Fábio respondeu que percebe:

A casa tem uma linha de trabalho, cada um vai tentando se adequar e vai vendo como vai conseguindo se encontrar, porque na verdade a proposta do trabalho da umbanda na casa, é o auto conhecimento, se conhecer, se entender, cada um tem seu ritmo, cada um tem seu caminho, aí dentro do caminho de cada um a gente vai funcionando como facilitador nesse processo de encontro. Então pra você ter um processo de desenvolvimento mais uniforme, nunca é, porque é muito individual. Então assim, cada um vai tentando se situar na linha da casa, tem uma linha de doutrina que é o trabalho caritativo, pensar nas coisas com mais amor, essa compreensão da existência nos preceitos da umbanda, da questão reencarnatória, uma visão mais ligada a imortalidade (...) Por isso que estou atendendo somente a corrente, parei os atendimentos externos pra poder dar conta exatamente... Por conta do trabalho material mais os trabalhos espirituais, não tem como eu estar atendendo demandas externas, é mais mesmo cuidar dos filhos da casa.

E continua, falando mais especificamente dos conflitos interpessoais no terreiro:

Então tem uma série de conflitos entre eles, entre eles e a linha de trabalho, nesse processo de entendimento quanto o que estão fazendo aqui, qual é a proposta real, então cada um tem seu tempo de entendimento. (...) A gente vai buscando administrar ciúmeinhos, conflitos, ritmos de cada um... A gente vai, dentro do possível, com amor, conduzindo. Alguns realmente não dão conta e procuram outra linha de trabalho, entendeu? Normal.

Conversei com Fábio sobre a minha percepção sobre o “grupo privilegiado” e como alguns conflitos interferem nas giras. Quando falei sobre os passes, que alguns médiuns não dão passe em algumas pessoas ou dão os passes mais cuidadosos em outros, e geralmente esses são os que o médium mantém uma relação forte fora do terreiro, Fábio explicou que isso tem a ver com os Orixás, por exemplo, Oxossi vai saudar os filhos dele. Isso às vezes poder acontecer pelo tempo curto em que cada Orixá fica na gira. Ele explicou também que nas giras vêm em média 50 pessoas, e que se os Orixás fossem saudar todos, não daria tempo. Mesmo assim, insisti que alguns atritos ficam bem explícitos nas giras. Fábio argumentou que alguns médiuns, em seus processos de desenvolvimento, confundem a incorporação com o animismo ou uma incorporação com muita consciência e isso levaria a muitas confusões.

Fábio falou sobre o “grupo privilegiado” que seria mais próximo a ele. Foi o grupo que teve a ideia de fazer a reforma do terreiro, por exemplo, e não Fábio. Nesse momento, sinto que ele ficou mais preocupado em não demonstrar predileção por um ou outro integrante, e tentou explicar essa aproximação:

Então, porque uma coisa é ser dirigente da casa e ter os filhos da casa. Mas ao mesmo tempo, a casa surgiu a partir de pessoas amigas que vinham fazer esse trabalho espiritual por afinidade. Eu também não posso mentir, que dentro dessas pessoas amigas têm pessoas que são meus amigos. Isso é normal, por uma questão de afinidade maior, essas coisas. Realmente tem isso. Tem algumas pessoas que eu tenho como meus amigos e fazem parte da corrente. São amigos e também são filhos da casa, mas tem outras pessoas que são realmente filhos da casa, que eu tenho essa relação de pai como filhos da casa. E gera esse sentimento de: ah, se eu não for fazer parte da vida pessoal dele, então não quero porque então não fui bem recebido. Isso aí eu já não posso fazer nada porque nem todo mundo eu quero que tenha acesso a minha vida pessoal.

Perguntei também sobre Carla, que foi citada por todos entrevistados e alguns argumentaram que seu processo de incorporação era falso ou que atrapalharia a corrente. Fábio falou que já conversou algumas vezes com ela e ela diz que faz o que sente vontade, por conta das energias que sente no momento. Fábio explica que não pode ser assim pois a casa tem uma linha de doutrina que precisa ser respeitada, e não precisaria de uma manifestação de uma forma “exagerada” e que acaba constrangendo outras pessoas. De qualquer forma, Fábio diz que com o tempo o mentor de Carla vai alinhando-a e mostrando como se portar.

Fábio falou sobre Sônia, uma participante que segundo ele, vez ou outra traz algum problema. Eu tive uma experiência não muito boa com ela. Marcamos diversas

vezes até ela definitivamente falar que não iria dar entrevista para mim. A princípio achei que fosse para não abrir algum segredo da casa, mas depois descobri que a razão dela era pessoal comigo, mesmo sem termos conversado. Daí em diante comecei a tomar mais cuidado pois os grupos on line que eu participava e que ela era responsável, sempre havia uma censura, tudo o que eu escrevia ou perguntava ela apagava, depois ficou mais aberta (essa animosidade) e ela se recusava a falar comigo em qualquer situação. Como percebi uma postura que diria ser até provocativa, afastei-me dela e só tive informações a seu respeito por outras pessoas, que confirmavam que ela vez ou outra fazia algo que não agradava Fábio, que já saiu da umbanda mas depois pediu para voltar e Fábio aceitou, mas disse-me que sempre é cauteloso com ela.

Perguntei para Fábio sobre como lidar com esses conflitos que acontecem na casa, e ele respondeu:

Aí você vai respirando fundo, como dirigente, vai tendo paciência e vai buscando orientar, vai dando orientações, vai tentando segurar pra ver se cada um vai se entendendo, né? Joana agora está em outro ciclo, por exemplo. E a gente vai conversando.... Vamos ver, a proposta é que cada um vá se encontrando. Essa questão das pessoas, dos egos, né? É bem delicado e difícil. Às vezes os orixás até cobram, botam uma disciplina, é muito comum isso acontecer. Se a pessoa continua, é pela teimosia, minha filha. Na verdade, Renata, o que eu percebo de algumas pessoas que sempre procuro orientar é assim: uma coisa é a vida pessoal, outra coisa é a vida espiritual. E a maioria tem essa teimosia de levar posturas e situações da vida pessoal para a vida espiritual, e isso dificulta.



Gira (setembro/2015) Foto: Renata Rennó

Sobre as “falsas” incorporações, Fábio falou:

Testes de incorporação às vezes eu faço. Já aconteceu na gira de Exú, tava todo mundo numa situação... aí eu peguei e literalmente, como eu já vi na casa que eu me iniciei tinha isso, dos mentores serem testados, por exemplo, tá todo mundo de Exú, então se tem Exú tem axé, se tem axé então vamos comer cansanção¹⁹ e não vai queimar o médium. Metade desincorporou na hora, quando eu cheguei com o cansanção. Gira de preto velho, Preto Velho come pimenta malagueta na hora da feijoada. Fui servir a feijoada do Preto Velho e taquei pimenta malagueta em tudo: os Pretos Velhos vão tudo comer com pimenta malagueta hoje, hein! Metade desincorporou. Aí depois disso eu vou e sento e digo: Você não tava incorporado?

Perguntei se ele achava que algumas pessoas fingiam a incorporação ou se era só uma confusão que a pessoa fazia, Fábio respondeu:

Sim, como forma de tentativa de poder, porque infelizmente, no grupo eu vejo isso acontecer aqui, vi em outras casas que eu mesmo frequentei como filho, no passado. A questão de incorporação tem a questão da vaidade do médium, ele acha que vai ter mais credibilidade se ele incorporar, quando a mediunidade de incorporação é só um tipo de mediunidade, como tá começando a se apresentar para algumas pessoas, na terça-feira²⁰ a psicografia. Que ótimo que esse fenômeno novo para o grupo que está começando... Ou seja, eles tão começando a entender que existem outras maneiras de trabalhar a mediunidade que não é essa questão ligada a incorporação. (...) E esses que vêm no interesse, do tipo (...), boa parte, viu Renata? Eu venho e trabalho na umbanda, cultuo esses guias para que eles me dêem coisas. As pessoas vêm mais no interesse do que vai conseguir com isso. A umbanda é muito cercada dessa história, quando na verdade, quando você se desapega dessa questão do “eu quero, eu quero, eu quero”, e entende que amando, doando, se entendendo e aceitando o outro, que tudo vai desbloqueando. (...) E esses que continuam se enganchando nos seus egos, continuam se enganchando, mas tendo amor, tendo paciência, a gente vai levando.

Durante a entrevista, Fábio disse ser importante saber dos conflitos da casa que nem sempre chegam à ele, e que a casa serve para cuidar de todos e algumas coisas não podem acontecer. Disse que é importante ter ciência sobre tudo para que ele fique mais atendo.

Fábio disse que Joana, a integrante mais citadas nas entrevistas, tem ciúmes de qualquer um que se aproxime dele. Para mim, isso mostra, mais uma vez como o poder que o grupo procura não é o poder de ser o dirigente, mas de estar ao lado dele, de ter sua confiança. Ele disse que conversa com ela, e que uma vez teve que “situá-la” pois ela teve uma crise de ciúmes na frente dele e acabou sendo grossa com Fábio. Ela chorou, ficou triste, e ele falou que ela não poderia controlar as pessoas. Mas essa atitude de Joana

¹⁹ Cansanção é uma planta que dá a sensação de queimadura na pele.

²⁰ Dia do evangelho

parece-me apenas mais evidente nela, mas também acho que o “grupo privilegiado” tem um pouco dessa atitude, de deixar claro que a amizade do dirigente é deles, e não de quem chega de fora. Conversando com o “grupo privilegiado”, todos disseram não sentir nenhuma resistência no terreiro e nem que fazem resistência a ninguém, mas não é assim. Conversei com alguns novatos que realmente afirmaram que se sentiam em casa no terreiro e que todos os tratavam da mesma forma, mas outros integrantes sentiram a resistência, como se pode ver nas entrevistas acima.

Enfim, parece que conflitos interpessoais fazem parte de qualquer grupo de pessoas, e em um terreiro de umbanda isso não poderia ser diferente.



Imagem de marinheiro (junho/2015) Foto: Renata Rennó



Preparação para a gira de Oxossi (setembro/2015) Foto: Renata Rennó



Fila para tomar Jurema (Gira de Exu, Pomba-Gira e Cigana) (setembro/2015) Foto: Renata Rennó



Preparação da oferenda (setembro/2015) Foto: Renata Rennó

2.2 Relevância do conflito e poder para a coesão do grupo e o conceito de liminaridade

Sobre os conflitos, como já disse anteriormente, o assunto era abordado de maneira fácil e aberta com os novos integrantes, e de forma até temerosa pelos mais antigos. O que eu sentia era um receio de ser apontado como uma causa do conflito ou receio de que eles, sem querer, apontassem alguém como a causa do conflito.

Dessa forma, quando os entrevistados começavam a contar sobre algum conflito, quando eu percebia esse receio, citava os nomes dos envolvidos (quando eu sabia do que se tratava). Percebi que assim os entrevistados ficavam muito mais à vontade para contar-me sobre suas experiências e até apontar as causas dos conflitos.

Há uma integrante que parece ser um ponto de discórdia em comum, e que as acusações contra ela vão desde “antipática, falsa” até de que ela finge incorporar. É nítido que nas acusações, todos tentam diminuir ou mesmo zerar seu poder simbólico no terreiro, e ao mesmo tempo, parece que quando todos unem-se contra uma integrante, mais unidos os grupos ficam. Ter um “inimigo” em comum faz com que o grupo privilegiado reafirme sua posição, até porque o próprio Fábio aceita algumas críticas dadas a essa integrante.

Para buscar entender a importância dos conflitos em um grupo, procurei ler George Simmel (1983), que fez uma reflexão para além dos malefícios do conflito, enxergando seus pontos positivos.

Simmel (1983, pp.123-124) parte do princípio de que o conflito faz o indivíduo encontrar sua unidade: “O indivíduo não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva (...) dos conteúdos de sua personalidade”. Segundo o autor, uma “união pura” seria utópica, a unidade social vive ao mesmo tempo com questões convergentes e divergentes e é assim que surge sua totalidade. Unidade, para Simmel, não significa apenas a concordância dos atores em uma sociedade, mas sim sua totalidade. Pensando no grupo de integrantes da umbanda, os conflitos entre “grupo privilegiado” x novatos não faz do terreiro um ambiente duo, mas são esses contrastes que trazem a totalidade. É através dos conflitos que o grupo continua resistindo e não “explodindo”, como o autor cita a seguir:

(...) a oposição nos dá satisfação íntima, distração, alívio, assim como, sob condições psicológicas diferentes, nos dá humildade e paciência. Nossa oposição nos faz sentir que não somos completamente vítimas das circunstâncias. Permite-nos colocar nossa força à força conscientemente e só dessa maneira dá vitalidade e reciprocidade às condições das quais, sem esse corretivo, nos afastaríamos a todo custo. (SIMMEL, 1983, p.127)

Assim, o conflito age como apaziguador no grupo, pois é através dele que o grupo sente sua força, assim como Joana ou os outros integrantes podem perceber-se um agente no conflito.

E é no conflito que os grupos se nivelam, pois há um reconhecimento do outro. Esse seria um dos pontos positivos do conflito. No terreiro, parto de diferentes conflitos: conflitos internos no “grupo privilegiado”, conflito do grupo privilegiado contra Joana, conflito dos novos integrantes contra o grupo privilegiado. Esses conflitos trazem a unidade do terreiro, que não é feito só de brigas, mas mantém uma harmonia através dessas disputas de poder.

(...) Em segundo lugar, o papel positivo e integrador do antagonismo aparece nas estruturas que se distinguem pela nitidez e pela pureza cuidadosamente preservada de suas divisões e gradações sociais. Desse modo, o sistema social hindu não repousa apenas na hierarquia, mas também, diretamente, na repulsão mútua das castas. As hostilidades não só preservam os limites, no interior do grupo, do desaparecimento gradual, como são muitas vezes conscientemente cultivadas, para garantir condições de sobrevivência. (SIMMEL, 1983, p.126)

Pensando no poder coercivo do conflito, vemos que o grupo depende desses conflitos para se manter. É através dos conflitos que cada grupo limita seus espaços. Quando o “grupo privilegiado” ataca Joana, seus conflitos internos ficam plasmados e se voltam todos para um “mal comum”, e Joana se põe em pé de igualdade ao receber e ser autora também de conflitos contra outros integrantes.

Quando iniciei minha pesquisa no terreiro, pude notar como o “grupo privilegiado” se comporta e contei com a ajuda de alguns informantes, que foram essenciais para o trabalho. Um dos informantes (Carlos) passou por uma transição, que foi de começar como um integrante novato para depois fazer parte do “grupo privilegiado”. Essa transição somente ocorreu por conta de sua proximidade com um integrante do grupo, e o que achei interessante foi que a partir do momento que esse integrante foi incluído nesse grupo, ele parou de passar as informações e de criticar os privilegiados, o que me faz pensar que os próprios novatos reafirmam a situação dos privilegiados, querendo fazer parte do grupo.

Esse integrante fazia críticas em relação às brincadeiras internas do grupo, como eles se portavam se sentindo “superiores” e que isso era contra o que a casa ensinava. Era um dos meus maiores informantes, sempre enviava informações novas sobre o terreiro e o “grupo privilegiado”. Esse integrante também não tinha nada contra Joana. Assim que passou para o “grupo privilegiado”, começou a criticar Joana e explicar que os integrantes do grupo apenas brincavam sobre sua condição superior, e que eram todos voltados para o bem comum. Também parou de enviar-me informações sobre o grupo e evitava contato comigo, inclusive para a entrevista que já havíamos marcado.

A entrada no “grupo privilegiado” trouxe uma mudança de atitude e de visão desse integrante sobre o terreiro e o grupo. Um questionamento que ficou para mim é que se todos que atacam o grupo, na verdade querem fazer parte dele, pois no momento em que fazem parte, mudam de postura.

Arnold Van Gennep (2011) diz que os ritos de passagem se referem a transição de um indivíduo para uma outra situação social. Os ritos têm três etapas: separação, margem e agregação. Para o autor, os ritos têm fases invariantes, que mudam de acordo com o tipo de transição que o grupo pretende realizar (DaMatta, 1978, p.16). Van Gennep nos fala sobre a passagem material (2011, p. 33), que para nós seria o bori, que é um rito de iniciação. A passagem material é marcada por um local neutro em que o sujeito fica antes de passar para um novo mundo (ritos de margem). No borí os integrantes passam por um ritual que pode durar 12 horas, e após o ritual ainda têm que seguir algumas regras, com algumas proibições, como estar com a cabeça descoberta nos horários de meio dia e meia noite. Para Van Gennep, a margem é fundamental, o indivíduo é pessoal e social ao mesmo tempo.

Após os borí, os integrantes são considerados filhos da casa, e usam guias de proteção. No terreiro, os borizados formam um círculo na gira e os não borizados têm que ficar atrás. Nos ritos de passagem é necessário se afastar para depois se juntar, já em outra condição.

Para Turner (1974), a liminaridade se refere a estrutura e a anti-estrutura, quando rompemos a estrutura somos todos iguais. No caso do bori, todos se vestem de branco durante o ritual, transformando-se em uma irmandade.

Os integrantes do terreiro estariam assim, em transições dentro do terreiro, não se mantendo estáticos, mas procurando formas de legitimação por parte do dirigente.

Para Victor Turner (1974):

Um comentário final: a sociedade (*societas*) parece ser mais um processo do que uma coisa, um processo dialético com sucessivas fases de estrutura e de "*communitas*". Pareceria haver - se é lícito empregar um termo tão controvertido - uma "necessidade" humana de participar de ambas as modalidades. As pessoas famintas de uma delas em suas atividades funcionais diárias procuram-na na liminaridade ritual. Os indivíduos estruturalmente inferiores aspiram à superioridade simbólica estrutural no ritual; os estruturalmente superiores aspiram à "*communitas*" simbólica e submetem-se a penitências para conquistá-la. (TURNER, 1974, pp 244-245)

Liminaridade refere-se à posição do indivíduo que está em transição, na margem, “nem estão aqui nem lá, são um grau intermediário” (1974, p.5) Diferentemente de Van Gennep, Turner entende que não há delimitação definida entre as fases. A liminaridade é ambígua. Para Turner, a liminaridade é a anti-estrutura pois todos os novatos têm a mesma hierarquia. Para ele, o sujeito submetido ao ritual de passagem fica, no decorrer do período liminar, invisível, sua condição é ambígua. (TURNER, 1974, p. 139) *Communitas* é a comunidade, “área de vida em comum” em que os indivíduos liminares se situam.

Mesmo após a feitura do bori, alguns novatos disseram que continuavam sentindo resistência do “grupo de poder”. Para ser feito o bori, Fábio precisa de ajuda, e geralmente quem o ajuda no momento do ritual é Sônia, mas quando ela não está, outra integrante o ajuda.

Sônia, assim como Joana, também luta pelo seu lugar de poder no terreiro, já discutiu com Fábio algumas vezes, saiu do terreiro e pediu para voltar, sempre como braço direito de Fábio. Apesar de Fábio a perdoar e devolver-lhe seu “lugar” no terreiro, ele faz muitas críticas à ela, o que não a deixa ser legitimada hierarquicamente. Uma integrante havia dito que neste terreiro ninguém tinha um lugar hierárquico fixo, as pessoas ajudavam conforme a necessidade. A diferença entre Sônia e Joana é que Sônia não entrava em conflito direto com o “grupo privilegiado”. Seus conflitos, pelo menos durante o tempo em que aconteceu a pesquisa, era com Lara, uma integrante antiga que é também o braço direito de Fábio. As brigas delas eram tão frequentes que Lara deixou de ir para o terreiro por conta de Sônia e Sônia deixou de ir para o Santo Daime por conta

de Lara (as duas frequentam as duas casas). Esses são conflitos entre integrantes antigos que não envolvem o “grupo privilegiado”:

A contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência. É claro que provavelmente não existe unidade social onde correntes convergentes e divergentes não estão inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma “união” pura (Vereinigung) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real. (SIMMEL, 1983, p.124)

Portanto, segundo Simmel, onde há atores sociais, há conflito. O grupo traz apenas uma face desse conflito, que se estende por diversos integrantes e mesmo dentro do “grupo privilegiado”. Gluckman (1987, p.297) concorda que os conflitos são inerentes aos seres humanos. Em seus estudos sobre as tribos Nguni, na Zululândia, Gluckman diz que os conflitos entre tribos eram necessários para que cada grupo sustentasse sua força.

Pensando nos conflitos do terreiro estudado, pode-se perceber que o poder que o “grupo privilegiado” exerce é reconhecido por todos, inclusive por Fábio, e apesar de não ser falado abertamente sobre isso, esse poder é quase concreto. Bourdieu, ao analisar o poder simbólico que nota que:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOUDIEU, 1989, pp.10-11)

As disputas entre Joana e Verônica (Verônica eu considero como uma “líder” do “grupo privilegiado”), mostram que Joana percebe o grupo como dominante, assim como outros integrantes novatos percebem o domínio desse grupo e criticam-no, mas parece que apenas Joana entra em embate frontal. Como disse Simmel, o conflito nivela os atores sociais, e isso acontece na briga entre Joana e Verônica, que, lembrando a pequena discussão entre seus erês, as duas estavam em pé de igualdade no terreiro: médiuns incorporados criticando-se no mesmo espaço, e uma estava de frente para a outra.

Joana, como uma fonte de diversos conflitos, também detém um poder no terreiro. Cito um exemplo: Conversei com um homem que eu só vi no terreiro uma vez, ele disse que frequentou algum tempo a casa mas agora estava morando em outra cidade. Ele se

interessou pelo tema do meu estudo e pediu para a gente conversar fora do terreiro. Fomos dar uma volta na rua e ele confidenciou que teve muitos problemas com a Joana, e que por isso parou de frequentar o terreiro. Falou que até hoje não se sente confortável por conta dos problemas que ele teve com Joana, e que se não fosse por isso ele continuaria a frequentar o terreiro. Interessante notar que com este homem o conflito ultrapassou o terreiro, a briga era por motivos externos à umbanda, mas mesmo assim isso o afetava a tal ponto de se negar a ir mais vezes ao terreiro.

Esse homem também percebe o poder de Joana, ele falou que percebe Joana muito próxima de Fábio e por isso acabou retirando-se do terreiro. Muitos novatos veem Joana como uma pessoa próxima a Fábio, mas quando participamos mais da vida do terreiro, percebemos que há uma certa rejeição à Joana, não só de Fábio como da maioria dos integrantes.

Questionei Fábio sobre sua proximidade com Joana, mas ele disse que discute muito com ela por ela querer “monopolizá-lo”. Apesar de ser vista como muito próxima do dirigente, o próprio Fábio tem alguns problemas com Joana.

O conflito gerado tanto por Joana como por Verônica, nos mostra que há uma briga para ver quem tem seus interesses dominando. Citando Bourdieu:

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 1989, p.11)

Para Bourdieu (1989), o poder simbólico apresenta-se em todas as relações humanas. Michel Foucault (n.d. cap XII) acredita que precisamos analisar os poderes moleculares pois eles não sofrem, necessariamente, influência do Estado. O poder se estabelece nas relações e todos nós o exercemos e sofremos suas consequências. O poder não é estático:

(...) não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua

ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. (FOUCAULT, n.d., capXII)

O poder no terreiro circula entre Fábio, o grupo e os antigos integrantes, além de Joana tê-lo quando o disputa com o “grupo privilegiado”. O poder está no terreiro e em seus diversos grupos, mesmo nos integrantes novatos que reconhecem-no e legitimam-no:

(...) o importante não é fazer uma espécie de dedução do poder que, partindo do centro, procuraria ver até onde se prolonga para baixo, em que medida se reproduz, até chegar aos elementos moleculares da sociedade. Deve-se, antes, fazer uma análise ascendente do poder: partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global. Não é a dominação global que se pluraliza e repercute até embaixo. Creio que deva ser analisada a maneira como os fenômenos, as técnicas e os procedimentos de poder atuam nos níveis mais baixos; como estes procedimentos se deslocam, se expandem, se modificam; mas sobretudo como são investidos e anexados por fenômenos mais globais; como poderes mais gerais ou lucros econômicos podem inserir-se no jogo destas tecnologias de poder que são, ao mesmo tempo, relativamente autônomas e infinitesimais. (FOUCAULT, n.d., capXII)

O poder que Fábio tem no terreiro transforma e mexe na coesão do grupo. Fábio não define os grupos, fazendo com que os conflitos se intensifiquem. Como no terreiro não há definição de postos, as lutas pelo poder continuarão mantendo, conforme Simmel nos diz, o grupo coeso. Foucault diz, que é importante analisar o poder nos níveis moleculares até o macro. Os integrantes novatos, integrantes antigos e o “grupo privilegiado” mantêm seu poder a partir de Fábio. O “grupo privilegiado” se mantém porque, de alguma forma, recebe a legitimação de Fábio. Joana, que briga por esse local de poder, não consegue se fixar pois Fábio não a legitima quando discute com ela ou nega a ela sua posição. Na entrevista, Fabio disse que Joana falou que sabe seu lugar na casa, mas ao mesmo tempo, em clara contradição, ele disse que nem ele tem lugar na casa, quanto mais ela. Joana quer se fixar na posição de braço direito de Fábio e se tornar sua única ajudante oficial, trazendo assim muitas brigas no terreiro.

No terreiro, a dominação do “grupo privilegiado” pode ser vista em alguns acontecimentos, como por exemplo: foi o grupo que organizou a reforma do terreiro, que ajudou arrecadar material e dinheiro. Também foi o grupo que teve a iniciativa de fazer ações de caridade para ajudar uma comunidade. Uma integrante antiga do terreiro, mas que não faz parte desse grupo, tentou entregar alguns materiais para o “grupo

privilegiado” levar até a comunidade, mas, segundo ela, foi ignorada. Isso mostra que o grupo quer manter esse privilégio de serem o braço direito de Fábio.

Muitas explicações para os conflitos acontecem de forma espiritual e acabam influenciando na gira. Alguns médiuns davam passes mais cuidados em seus parceiros, fato esse que foi citado por alguns entrevistados também.

Nas entrevistas foi-me dito que o processo de incorporação era um motivo que acabava sendo visto como uma forma de separar os novatos dos integrantes antigos, pois percebiam olhares de desaprovação ou risos. Também citaram os cuidados que o “grupo privilegiado” tinha com os médiuns deles, de arrumar o cabelo e a roupa de um médium incorporando pela primeira vez, e que isso não acontecia em outros médiuns em desenvolvimento. A princípio, acreditei que estar no processo de desenvolvimento da mediunidade aproximaria os novatos do grupo pois essa também é uma forma de poder, inclusive muito disputada no terreiro, mas não é assim, os novos médiuns são vistos com desconfiança.

A forma de colocar a credibilidade de alguém em questionamento é duvidar da sua mediunidade, como fazem com Joana e com Carla. Percebi outros integrantes que têm um desenvolvimento mediúnico mais barulhento do que o costureiro, mas não vi sorrisos ou comentários sobre eles. Uma delas é uma integrante antiga que não faz parte do “grupo privilegiado”. Sua incorporação (ou semi-incorporação) sempre são muito confusas e espalhafatosas, mas não vi nem ouvi críticas sobre ela.

Com Carla é diferente, é uma reprovação quase que geral, inclusive do próprio Fábio, apesar dele não falar isso diretamente para ela (ele avisava que ela não estava incorporando e sim, confundindo, mas claro que não demonstrava sua reprovação). Uma vez eu estava próxima a Carla e uma outra médium estava tentando receber a pomba-gira. No fim da gira, essa médium falou que Carla a atrapalhou com seus barulhos e “tremedeiras”. Há um consenso de que Carla não incorpora e de que está confundindo as coisas, achando que está recebendo as entidades. Perguntei para algumas pessoas como eles sabem que Carla estaria se confundindo ou fingindo, e fui informada de que quando a incorporação é real, no momento que o Fábio manda a entidade “subir”, ela o obedece, e no caso de Carla, mesmo Fábio dando ordem para a entidade sair, ela não saía.

Como citei no capítulo 1, Carla foi ao terreiro com um integrante do “grupo privilegiado”, mas não conseguiu entrar para o grupo, mesmo frequentando sempre o terreiro. No caso dela fica claro o motivo de não ter sido aceita, afinal, Verônica não gosta dela e suas “incorporações” são muito mal vistas inclusive por Fábio. Acredito que para fazer parte do grupo, além da aprovação dos integrantes privilegiados, Fábio também precisa apoiar e gostar do novo integrante. Já vi um integrante novo, mas amigo do “grupo privilegiado” que não teve resistência nenhuma para fazer parte do grupo por já ser amigo de fora do terreiro, e mesmo ele tendo algumas reações estranhas no momento da gira, nunca foi criticado.

Por maneiras estranhas eu quero dizer formas muito chamativas ou barulhentas de desenvolver a mediunidade.

Apenas uma integrante demonstrou vontade de estar no lugar hierárquico de Fábio, falava inclusive que ele deixava que ela organizasse tudo pois seria “quase uma mãe-de-santo”, título esse nunca reconhecido pelo dirigente. Essa integrante disse que seus orixás pediam para que ela abrisse um terreiro, mas ela não abria pois não tinha tempo para isso. Todas as informações que ela passava não eram confirmadas, a impressão que eu tinha é que como eu era novata, ela queria mostrar poder para mim. Inclusive ela se oferecia para ser minha “professora” no terreiro.

Soube que uma outra forma de prestígio que alguns integrantes antigos reconheciam como tal era receber e tirar as dúvidas dos novatos, já que Fábio não conseguia conversar com todo mundo. Parece que quanto mais novas pessoas um integrante recebia, mais próximo de Fábio ele estaria, afinal, estaria ajudando-o, fazendo um trabalho que Fábio faz a todo momento.

Quem apontou essa forma de poder foi uma integrante que, depois de ter discutido com Joana, falou que estava irritada pela colega sempre querer agir como mãe-de-santo e explicar tudo para todo mundo, até para quem já sabia como se portar em um terreiro.

Vi apenas uma vez um antigo integrante, que não faz parte do “grupo privilegiado”, reclamar de Joana por ela querer ensinar algo que ele já sabia. Na verdade, os comentários sobre Joana são muitos e geral, mas apenas esse grupo se indispõe diretamente com ela.

Eu, como pesquisadora, senti alguns incômodos com a minha presença. Alguns integrantes que marcavam entrevista comigo, não iam e depois, quando nos encontrávamos sem querer na rua, passavam direto por mim. Eu entendia que essa era uma forma de “me pôr no meu lugar”, me situar e não achar que eu tinha tanta liberdade no terreiro como Fábio me mostrava.

Fábio sempre fez questão de incluir-me em todas rodas de conversas e até me levou ao candomblé, e isso, acredito, tenha sido uma das coisas que facilitaram minha pesquisa, pois fui “reconhecida” por ele. As pessoas que não aceitavam essa minha aproximação, deixavam isso bem nítido, como citei acima, mas essa atitude dele me deixou mais próxima do “grupo privilegiado”. Outra questão era eu reconhecer a hierarquia do terreiro e me portar como sendo uma pessoa “de fora”, sem competir com ninguém. Isso pode me aproximar de Joana no final, apesar dela ter se negado a dar entrevista.

Em uma noite, estávamos reunidos na casa do Fábio após uma gira (isso é muito comum acontecer). Ficamos conversando, tomando café, comendo, enfim, socializando, quando comecei a conversar com uma integrante, Juliana, que falou que antes ela tinha muito preconceito contra a umbanda. Disse que gostou do terreiro porque não tinha “aquele bando de gente feia” que ela via em outros terreiros. Entendo que essa fala tem a ver com o preconceito que a umbanda ainda carrega, apesar de ser uma religião “mais branca” e de pessoas mais economicamente abastadas do que no candomblé.

Fábio pode ter tido interesse em ter seu trabalho no terreiro publicado academicamente, pois de alguma forma, isso traria mais legitimidade ao terreiro. Como citei anteriormente, comentários preconceituosos sobre a umbanda e de como esse terreiro era “diferente”, eu ouvi algumas vezes. Pessoas que pareciam fazer questão de estar entre “iguais”, “pessoas que pensam igual”, pessoas “mais pra frente”, “de vanguarda”. Tudo isso eu ouvi algumas vezes, mas não era a regra. Considero que a “cara” do terreiro seja Fábio, o “grupo privilegiado” e os integrantes antigos, e todos eles têm essas características procuradas por algumas pessoas que não queriam ir a um outro terreiro. Talvez por isso a integrante Carla cause tanto desconforto com suas incorporações barulhentas. Os médiuns da casa tendem a ser mais discretos em suas incorporações e os atos mais “vulgares” das pombas-gira e dos exus, são sempre mais calmos do que alguns outros terreiros, inclusive Fábio chama a atenção de quem se portar de forma muito

escandalosa. Mesmo com as bebidas, há um cuidado para que médiuns em desenvolvimento não bebam nada alcóolico no início porque pode ser que estejam fazendo confusão e não ser a entidade que queira beber, mas sim o médium.

Estive presente algumas vezes e vi Fábio querendo agregar novos integrantes, isso era comum acontecer. Se só estivessem os integrantes do grupo, nem todos novatos se aproximavam, mas com Fábio acontecia essa aproximação.

Em relação ao Fábio, tive contato apenas com duas pessoas pessoa que o criticaram. Uma foi de uma integrante que frequenta eventualmente o terreiro e que não gosta dele. Fez diversas críticas e pelo que percebi, não acha o terreiro sério. O interessante desse entrevistado é que sempre que ele queria fazer críticas mais “pesadas”, automaticamente incorporava alguma entidade e falava o que o médium já queria me contar, mas estava sem coragem. Com esse integrante não houve entrevistas, apenas conversas informais, e essas incorporações aconteciam sempre no meio da conversa, quando começávamos a falar do terreiro e ele criticava desde os ritos até (e principalmente) Fábio. Acredito que ao incorporar uma entidade, a responsabilidade sobre as informações não seria do médium, e assim eu não poderia acusá-lo de nada.

Muitas vezes essa pessoa passava de críticas ao trabalho do dirigente e ia para o lado pessoal. Criticava desde os rituais até sua postura, como dirigente e como homem. A impressão que eu tinha era de que, por não gostar de Fábio, qualquer coisa que o envolvesse era motivo para duras críticas. A outra crítica sobre Fábio foi de uma integrante novata (Marlene) que gosta dele mas criticou sua falta de tempo e de atenção para com os novatos, se sentindo meio “perdida” no terreiro. Marlene falou que nunca vinham até ela para explicar o que acontecia ou sobre o que ela sentia, achava que por ser nova deveria ter uma atenção especial, e chegou a falar que também não se sentia à vontade no terreiro pois ninguém fazia às vezes de Fábio para ajudá-la.

Com exceção dessas duas integrantes, não houve mais críticas ao dirigente. Apesar das pessoas gostarem dele e sentirem-se à vontade no terreiro, um problema que notei é que mesmo com essa proximidade com o dirigente, os novatos ou integrantes antigos que não fazem parte do grupo não têm coragem de reclamar sobre algo que acontece entre eles e Joana ou entre eles e o “grupo privilegiado”. Perguntei qual a razão de não falarem para Fábio sobre algo que os incomoda e as respostas foram sempre as mesmas, ou era porque Fábio é muito ocupado ou porque ele é muito amigo de

Joana/Grupo. Todos sentem que não há espaço para esse tipo de reclamação para com o dirigente, e que de alguma forma eles acham que isso poderá se voltar contra quem reclamou. Isso legitima o poder do “grupo privilegiado” e de Joana.

Já o grupo parece ter livre acesso à Fábio, tanto é que quando houve uma briga entre os integrantes do grupo, Fábio ficou sabendo e “deu uma chamada” em todos antes da gira começar. Acredito que com Joana aconteça da mesma forma, ela também se sinta à vontade para reclamar de algo para Fábio.

Verônica, em sua entrevista, acredita que o motivo de Joana ter ciúmes do grupo é porque o grupo tem mais tempo de casa. Isso acaba respondendo minha pergunta sobre o que faz o grupo se unir e se sentir especial. O tempo de casa significa, automaticamente, mais intimidade com o dirigente, mais informação sobre os rituais. Isso parece ser a questão buscada por todos.

Sobre os integrantes antigos que não fazem parte do grupo, as relações parecem serem bem tranquilas, tanto com o grupo quanto com os novatos. Esse grupo não tem problemas com Joana, vez ou outra há algum comentário, mas nada sério, eles se dão bem com ela também. Esses integrantes são muito fáceis de entrar em contato, tirar dúvidas, pois estão disponíveis e tratam todos geralmente, de uma forma carinhosa. Apenas uma integrante mais antiga (Rafaela), que senti que ficou incomodada com a minha pesquisa, ela foi a pessoa que deu a entrevista fugindo do tema, eu tentava colocá-la de volta e ela desviava do assunto, chegando até menosprezar a pesquisa, aconselhando-me a ler mais.

A academia se faz presente no terreiro de algumas formas: tanto Fábio, como professor, até seus integrantes, que em sua maioria frequentou a escola ou a universidade. No caso da Rafaela, ela sempre reafirmava sua formação e se via como uma pessoa bastante racional, apesar de eu achá-la uma das integrantes mais crédulas do terreiro, muito envolvida nos ritos e em busca, ao meu ver, de maiores poderes na casa. Como ela não incorpora, reafirma seu poder através da sua formação acadêmica.

Em uma gira de pomba-gira, uma médium incorporada aconselhou-me a falar sobre os conflitos no terreiro, e que muitos poderiam não gostar mas que seria necessário para a casa. Achei interessante esse conselho e ouvi muitas vezes a mesma coisa: o tema era importante para a casa mas poderia incomodar muitas pessoas. Depois disso, em uma

conversa com Fábio, falei sobre meu tema e ele disse que apesar de ser um tema delicado, eu deveria seguir minha intuição e fazê-lo, se assim quisesse.

Percebi em como o poder no terreiro pode ser importante, apesar desse poder só ser visível no terreiro, a vida desses integrantes estão muito entrelaçadas com a vida religiosa, já que, como todos disseram nos inícios das entrevistas, um novo “eu” apareceu depois que entrou na umbanda. O que acontece na umbanda reflete fora do terreiro e o que acontece fora do terreiro reflete na umbanda.

Apesar de nem sempre poderem falar abertamente sobre sua religião fora do terreiro (por conta do preconceito que os integrantes relatam), essas relações são legitimadas entre o próprio grupo fora do terreiro, já que eles mantêm contato socialmente. Isso foi possível verificar quando houve uma discussão interna no “grupo privilegiado” e, por meio de brincadeiras, um chamava o outro de pomba-gira ou Yemanjá. Pomba-gira no sentido negativo (mulher que sai muito, bebe muito) e a outra pessoa, como resposta, se colocou como “filha das águas”, Yemanjá, algo mais materno.

Na entrevista que fiz com Márcia, imaginei que encontraria mais resistência, mas conforme fomos conversando, a entrevista quase virou uma conversa entre amigas e isso facilitou muito para mim. Ela estava muito resistente no início, acredito que até um pouco temerosa sobre o que íamos conversar, e por isso ela começou pontuando a importância do respeito que os novatos têm que ter com os antigos. Essa questão do respeito é uma questão central para os integrantes do “grupo privilegiado”, todos citaram isso e acredito que seja isso que esperam dos novatos. Nas entrevistas com os novatos eu ouvi mais a questão do respeito para com as entidades, os orixás e o dirigente, e achavam que o “grupo privilegiado” “folgava” por conta de serem mais antigos.

Bia, a primeira entrevistada, também sinalizou isso. Apesar dela ser uma integrante com algum tempo de casa, em momento algum falou que os novatos devem respeito à ela, Bia apenas se mostrou incomodada com o “grupo privilegiado”. Para mim não ficou claro a razão de Bia não estar no “grupo privilegiado”, já que ela também foi levada por uma participante desse grupo. Talvez por questão de afinidade ela não tenha entrado, mas observa muito como o “grupo privilegiado” age em relação aos novatos. Bia também não tem uma relação tão íntima com Fábio, apesar do tempo de casa.

Já na entrevista com João e Marta, desde o começo tudo foi muito fácil, acredito que a entrevista serviu como um desabafo para os dois, pois eles disseram que não se sentem à vontade para falar sobre os conflitos no terreiro com ninguém. Falaram que viram cenas de racismo no terreiro, algumas vezes foram ríspidos com eles, mas eles nunca tiveram coragem de falar para Fábio, com medo de que Fábio não acreditasse neles por serem novatos.

Com Verônica a entrevista foi mais rápida, mas porque Marcia já tinha contado para ela sobre as perguntas que eu faria. Percebi que entrevistar participantes do “grupo privilegiado” não é muito fácil pois um conta para o outro e as respostas acabam ficando meio padronizadas.

Algumas pessoas com quem conversei informalmente disseram não sentir nenhum tipo de resistência no “grupo privilegiado”, como Carla, que falou que se sente muito bem no terreiro. Curioso por ela ser um ator no ritual que muita gente não gosta por achar que ela atrapalha com seus barulhos e movimentos bruscos.

A incorporação dos médiuns também pode ser vista como uma forma de poder, mas nesse caso só percebo essa relação no “grupo privilegiado”, pois muitas pessoas que são médiuns e não estão nesse grupo eram questionadas se realmente incorporavam. Ao mesmo tempo, não houve dúvidas de que os médiuns do “grupo privilegiado” incorporam “de verdade”, ouvi inclusive elogios sobre algumas entidades dos médiuns desse grupo. Joana é muito atacada dessa forma, quando duvidam de sua incorporação, até integrantes novatos acham que sua incorporação é uma “farsa”.

O poder do “grupo privilegiado” parece só não alcançar os integrantes antigos, pois estes também têm tempo de casa e intimidade com Fábio. Esse “grupo privilegiado” sente que deve respeito à esses integrantes e esses integrantes parecem não disputar um lugar no terreiro, até porque já têm sua posição hierárquica formada. Na umbanda, diferente do candomblé, a hierarquia não está tão cristalizada, percebi que, pelo menos no terreiro estudado, as posições podem mudar, ninguém tem um lugar fixo, isso, de alguma forma, alimenta o conflito.

Após o início da pesquisa, conheci outros terreiros de umbanda e todos relataram que havia conflitos interpessoais. Um terreiro, inclusive, se mantém com apenas cinco integrantes fixos para evitar as disputas e brigas. O dirigente desse terreiro era filho da

casa estudada. Nesse terreiro que visitei, não vi uma aproximação entre os integrantes de forma tão intensa quanto do terreiro estudado. Na casa de Fábio, por exemplo, sempre depois das giras alguns integrantes continuam na casa conversando ou saem para jantar. Participei de uma saída com eles e percebi que há alto grau de intimidade entre eles.

João e Marta muitas vezes ficam até mais tarde na casa de Fábio, mas preferem não participar das saídas, que inclusive contam quase que exclusivamente com os integrantes do “grupo privilegiado”. A separação acontece naturalmente, os novatos não se sentem à vontade e deixam de participar de eventos junto com o “grupo privilegiado”, enquanto esse grupo parece excluir também os novatos, como no caso do evento de caridade que fizeram.

Alguns integrantes falaram que o terreiro estudado ainda mantém um “clima harmonioso” se comparado à outras casas, principalmente casas de candomblé. Já no meu breve contato com o Candomblé, pude perceber que há muitos conflitos, ao menos nos terreiros que fui e pelas informações coletadas.

Percebi que alguns novatos são bem vindos no “grupo privilegiado”, mas esses novatos precisam conhecer bastante algum integrante desse grupo, como foi o caso do integrante Carlos, em que tive a oportunidade de ocupar sua transição. Após a entrada nesse grupo, não mais passou informações, assim como parou de criticá-los e passou a criticar Joana, que vive em conflito com o “grupo privilegiado”.

Sônia é uma integrante antiga da casa e que cria alguns conflitos com Fábio, sai e volta do terreiro algumas vezes. Ela se recusou a dar entrevista e ela não aceitava minha participação no terreiro, e deixava isso bem claro. Sônia também é fardada no Daime.

Os integrantes antigos que não fazem parte do grupo são abertos aos novos integrantes, e parecem não entrar nas disputas de poder. Apenas uma vez presenciei um desses antigos integrantes incomodado com Joana, por ela “querer saber tudo e mandar em todo mundo”.

Alguns integrantes novatos afirmaram sentir muita resistência do “grupo privilegiado” para com eles, além de reclamarem da Joana. Eles afirmam que percebem sorrisos e olhares enquanto estão na gira, no desenvolvimento mediúnico. Uma integrante antiga, mas que não faz parte desse grupo, disse que percebe resistência do “grupo privilegiado” e que eles não dão tanta atenção para outros médiuns em desenvolvimento

como dão para os médiuns do “grupo privilegiado”. Ela apontou que é possível ver essa diferença em que o grupo está até mesmo nas giras, quando eles se mantem ao lado de Fábio, e os mais novatos ficam mais distantes de Fábio.

Quando conversei com alguns integrantes do “grupo privilegiado”, houve cautela em aceitar que havia um grupo de maior influência no terreiro e que esse grupo era fechado, mas depois todos acabavam concordando e justificando que o grupo existe por serem amigos de longa data, mesmo fora do terreiro. Fábio também participa das atividades sociais que o “grupo privilegiado” participa.

Para a observação dessa “disputa de poder”, foi necessário trazer Pierre Bourdieu para as leituras para que eu pudesse entender melhor os conflitos. Percebi que não há disputa pelo lugar de Fábio, mas sim pelo lugar *ao lado* de Fábio, quem seria mais íntimo ou que tem maior aprovação do dirigente. Mesmo nas giras, a divisão era bem clara, como alertou-me uma entrevistada: o “grupo privilegiado”, como eu chamo aqui, ficava sempre mais próximo do Fábio.

Para Bourdieu, (2007, p.82) o campo religioso é uma “estrutura que determina a forma que podem tomar suas interações e representações que delas possam ter”. As interações simbólicas que ali ocorrem dependem dos interesses de seus agentes, o que oferecem aos visitantes do terreiro, nesse caso. Os integrantes que têm maior “clientela”, seja em um gira de pretos velhos ou consultas com os ciganos, acabam sendo legitimados no grupo, já que isso seria um fator também de aprovação para Fábio. Importante salientar que os valores sociais aqui parecem, a princípio, não estarem incluídos no campo religioso e que o poder simbólico se refere à hierarquia do terreiro.

O poder simbólico no terreiro parte do que Fábio legitima como sendo importante nas relações. Um integrante que tenha uma incorporação mais “forte”, com desenvolvimento mediúnico mais rápido, pode atrair a atenção e simpatia de Fábio, o que facilitaria a entrada desse integrante no grupo dos privilegiados. O campo religioso como uma estrutura social, compreende o habitus de seus integrantes, que são ações e pensamentos independente de suas escolhas; os integrantes absorvem alguns conceitos da estrutura social que reafirmam sua posição em um campo (espaço simbólico onde ocorrem as disputas de poder). A luta que o grupo privilegiado mantém para permanecer como tal faz com que seja reafirmado o valor do dirigente e a importância em estar ao seu lado, já que “Por maiores que possam ser as variações da estrutura das relações entre as

instâncias de conservação e consagração, a duração do “processo de canonização” depende diretamente da medida em que sua autoridade é reconhecida e capaz de impor-se de maneira duradoura” (Bourdieu, 2007, pp. 121-122).

Essa é uma luta que deixa Fábio no posto “mais alto” do terreiro. Ele, como dirigente, naturalmente integra esse posto, e com o grupo mantendo alguns conflitos para estar ao seu lado, legitima seu posto.

Fábio, embora autoridade máxima do terreiro, também participa de outras disputas de poder paralelas. Ele, por exemplo, estaria se desligando do comando do terreiro de umbanda para ser pai de santo em um terreiro do candomblé. Ele já tem 7 anos como filho de candomblé e Dona Lígia fez este pedido a ele. Quem ficará no comando do terreiro de umbanda será Karina, irmã biológica de Fábio. Fábio já está avisando alguns integrantes que possivelmente eles terão que ir para o candomblé. Acompanhei-o algumas vezes no candomblé e, em conversas informais, soube que há alguns problemas com a casa que pretende ir.

Fábio não gosta do pai de santo que está no candomblé, e ao falar dele, a expressão geralmente calma e atenciosa de Fábio muda e se torna irritada. O dirigente afirmou que só iria para o Candomblé caso o pai de santo de lá se afastasse, o que de fato aconteceu após alguns meses.

Não foi só o Fábio que fez sérias acusações contra Jeferson, ouvi muitos integrantes da umbanda e do candomblé o criticarem. Eu gostaria de conversar com este tão falado pai de santo, mas ele não me pareceu muito acessível, além do que, penso em como entrevistar um pai de santo que Fábio não gosta poderia afetar a nossa relação, que considero muito delicada por conta de alguns problemas que o terreiro teve com trabalhos acadêmicos anteriores. Também considero delicadas as relações estabelecidas no terreiro, por eu ser uma participante novata, pesquisadora, há certos receios que quando eu ia sem o intuito de fazer entrevistas ou filmagens eu não sentia.

Considerações Finais

A partir dos estudos em campo, foi possível resgatar a história de vida do dirigente e perceber como se davam os conflitos no terreiro.

No decorrer desta pesquisa, foi apresentada a história de vida do dirigente e como ele transitava entre as religiões que passava. Analisando o terreiro, foi possível perceber conflitos e disputas de poder entre os integrantes. Fábio sabe que existem essas disputas, mas não se posiciona claramente, o que faz com que os conflitos se intensifiquem. No terreiro não há definições sobre hierarquia, a não ser o lugar de dirigente do Fábio, visto que as regras são definidas por ele. Desta forma, ele cria um grupo com suas regras (introdução da Jurema e Daime em algumas giras) e transitando para outra religião, como é o caso do candomblé, levando o grupo com ele. Fábio tem um perfil agregador, o que faz com que tenha muitos seguidores.

Por exigência do Fábio, para que houvesse sua mudança para o candomblé, era necessário que Jeferson saísse para que Fábio pudesse ocupar seu posto. Fábio cria uma estrutura em que ele é o único que detém o poder do conhecimento, assim não há hierarquia. Ele é parte estruturante dessa relação de poder. Agindo como se não participasse das disputas, ele mantém o seu poder.

As disputas de poder ocorridas no interior do terreiro são conflitos para ver quem consegue ser o braço direito de Fábio. Há subdivisões dentro do terreiro, entre os grupos há conflitos que acabam legitimando seus integrantes e, obviamente, o poder do dirigente.

Entre os grupos há o que eu nomeei de “grupo privilegiado”. Este “grupo privilegiado” tem conflitos com uma integrante e não são bem vistos por alguns integrantes novatos, que não se sentem acolhidos por eles. Foi a partir de relatos dos novatos que pude perceber mais detalhadamente como funciona o “grupo de poder”.

O tema da pesquisa: Terreiro de umbanda em Aracaju: análise das relações interpessoais conflitivas, pareceu incomodar alguns participantes, que durante a entrevista se recusaram a falar sobre os conflitos, ou até mesmo se negaram a dar entrevista.

Durante o período da pesquisa pude observar como os conflitos se materializam durante as giras, havendo até uma disputa entre duas médiuns incorporadas discutindo entre si. O poder, não é estático, acaba transitando entre os grupos do terreiro.

Também pude perceber como os atores sociais se movimentam e como eles se relacionam com a umbanda estando fora do terreiro. Como ainda há preconceito sobre a religião, muitos se intitulam “espíritas” quando são questionados por pessoas de fora, até mesmo para.

Através do conceito de conflito, percebemos que ele nem sempre acontece para extinguir com a coesão do grupo, ao contrário, pode ser através do conflito que o grupo se mantém (o conflito alivia, não faz o grupo se dispersar). No terreiro não temos posições hierárquicas claramente definidas pelo dirigente, o que faz com que o poder se movimente conforme Fábio designa um integrante para algum cargo, mas não definitivamente.

O dirigente, deixando essa abertura, que faz com que os conflitos se intensifiquem, o que pode ser um auxílio para Fábio no momento que essas disputas legitimam seu poder. Não há estruturação hierárquica explicitamente estabelecida e ele acaba mantendo o maior poder.

Até o final da pesquisa, Fábio ainda não havia saído da umbanda e ido para o candomblé definitivamente. Seria interessante saber se, com uma nova dirigente no terreiro de umbanda (sua irmã está designada para o cargo) o terreiro continuaria com as mesmas frequências, mesmos grupos, e analisar como (ou se) a relação entre eles seriam alteradas. Como Fábio tem um perfil agregador, certamente levará muitos integrantes para o candomblé, inclusive já avisou a alguns filhos que eles deveriam ir para o candomblé.

Para ir para o candomblé, Fábio exigiu a saída de Jeferson. Fábio disse que levaria um outro pai-de-santo da sua confiança. Esta decisão implica na definição hierárquica concreta entre ele e o pai-de-santo. Dessa forma ele vem sendo parte de um processo lento e até o final da pesquisa ele ainda não havia concretizado.

Também ficam abertas questões sobre o futuro do Fábio no candomblé. Seria essa religião uma forma de obter maior legitimidade para Fábio e para pessoas de fora do grupo do terreiro? Afinal, ele vem galgando seu espaço por diversas religiões, e sabe-se que o candomblé tem uma estrutura hierárquica e um movimento vertical bem definidos.

Deixei em aberto algumas questões (como, por exemplo, como foi sua ida para o candomblé e como o grupo da umbanda ficou sem Fábio), pois acho que o assunto não se esgota, pois estamos diante de uma história de vida muito rica e passível de muitas análises.

O estudo da história de Fábio mostrou como sua vida e a formação do terreiro se confundem, e apresenta novas inserções do dirigente na umbanda, como a Jurema e o Daime. A umbanda, pelo fato de ser uma religião que se baseia na oralidade, faz com que cada terreiro tem suas regras, mas Fábio traz a religião de uma forma particular, acrescentando um pouco das religiões pelas quais passou na umbanda.

3.0 Referências Bibliográficas

ALVES DA SILVA, Rubens. *Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sócias*, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200003>

Acesso em: 09 dezembro 2014;

ALVES JUNIOR, Antonio Marques. *Tambores para a rainha da floresta: a inserção da umbanda no santo daime*. São Paulo, 2007. 271 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião – PUC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1978;

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo-SP: Livraria Pioneira Editora. Tradução de Mariana Eloisa Capellato e Olívia Krähenbühl, 1971;

BERABA, Marcelo. “O terreiro da contradição”, 2008. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3003200804.htm> Acesso em 19 junho 2015;

BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. São Paulo-SP: Abril Cultural: Brasiliense, 1985;

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli.- São Paulo-SP: Perspectiva, 2007;

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro-RJ. Editora Bertrand Brasil S.A., 1989;

BRANDÃO, Maria do Carmo; NASCIMENTO, Luis. Felipe Rios do . O catimbó-jurema em Pernambuco.. *Revista de Antropologia* (PPGA/UFPE) , Recife, v. 13, p. 38-52, 1998;

BROWN, Diana. *Uma história da Umbanda no Rio*, , et al., eds., Umbanda e a política. Rio de Janeiro: ISER, 1985;

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo-SP, n. 21, p. 133-157, julho de 1988;

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: *CARDOSO, Ruth (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 95-105, 1986;

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica*, 2003. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100012

Acesso em 29 julho de 2016;

CENSO 2000

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf Acesso em: 01 julho 2015

CENSO 2010

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_o_Deficiencia/tab1_4.pdf> Acesso em: 01 julho 2015

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. A Umbanda, as Notícias e os Números. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, p. 59-84, 2014;

COSTA LIMA, Vivaldo da. *A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. Salvador-BA: Corrupio, 2003;

COSTA, Hulda Silva Cedro da. *Umbanda, uma religião sincrética e brasileira*. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, 2013;

COUVO, Janaína Aguiar. *Umbanda em Aracaju: na encruzilhada da História e da Etnografia*. Monografia em História - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1998.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. de O. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, (p 23-35), 1978;

DAMATTA, Roberto. *Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade*, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001>

Acesso em: 29 julho de 2016;

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ: Graal, 1988;

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo – SP: Perspectiva, 2010;

FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do poder*, 2016. Disponível em: <[http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder -
Michel Foucault.pdf](http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf)> Acesso em 13 julho 2016;

HÉLIO SILVA, R. S. *A situação etnográfica: andar e ver*, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008> Acesso em 20 dezembro 2014;

OLIVEIRA, Roberto de. *Santo Daime se expande e invade crenças*, 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200724.htm>> Acesso em 21 dezembro 2014;

DURKHEIM, Émile *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo-SP, Paulus, 2008;

GEERTZ, Clifford. 2011. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar;

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.*; tradução de Mariano Ferreira. 3 ed. Petrópolis,-RJ, Vozes, 2011;

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna, in: *A Antropologia das sociedades contemporâneas/ organização e introdução* Bela Feldman-Bianco. São Paulo-SP: Global, 1987;

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. ed.- Rio de Janeiro-RJ: Record, 2004;

GONÇALVES da SILVA, Vagner. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo-SP: Selo Negro, 2005;

GREGANICH, Jéssica. “O axé de juramidam: a aliança entre o santo daime e a umbanda. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 77-106, jan./jun. 2011;

GUIMARÃES DIAS, Renato Henrique. *Sincretismos religiosos brasileiros: Pequeno estudo sobre alguns sincretismos religiosos surgidos no Brasil entre 1500 e 190*, 2009. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/sincretismos-religiosos-brasileiros-renato-henrique-guimaraes-diaspdf.html>> Acesso em 5 setembro 2016;

HALL, Stuart (1996). *Quem precisa de identidade?*. SILVA, Tomas Tadeu (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011;

HÉLIO SILVA, R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre-RS, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009;

LABATE, Beatriz Cauby. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, SP: [s.n.], 2000;

LEACH, Edmund Ronald. *Antropologia*. Organizador: Roberto Da Malta ; (tradução Alba Zaluar Guimarães — São Paulo-SP : Ática, 1983;

LODY, Raul; PEREIRA, Wani Fernandes. Ex- Votos, devoção e estética afrodescendentes. In: Raul Lody. (Org.). *O negro no museu brasileiro: Construindo identidades*. 1 ed. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 2006, v. 1, pp. 248-253;

MACRAE, Edward. *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime*. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1992;

_____. *O Ritual do Santo-Daime como Espetáculo e Performance*. In: TEIXEIRA, J. & GUSMÃO, R. (Org.). *Performance, Cultura & Espetacularidade*. Brasília-DF: Editora da UNB, 2000. pp. 75-84;

MAGGIE VELHO, Yvonne Alves. *Guerra de orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1977;

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *Etnografia como prática e experiência*. Universidade de São Paulo – SP, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009;

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. tradução Rogério Fernandes. –São Paulo-SP: Martins Fontes, 1992;

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2006;

OLIVEIRA, Roberto de, *Santo Daime se expande e invade crença*”, 2007;

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978;

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro-RJ: Relume-Dumará, 1995;

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: Orixás na alma brasileira*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2005;

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad.: Constança Marcondes Cesar – Campinas-SP: Papirus, 1994;

ROHDE, Bruno Faria. *Umbanda, Uma Religião Que Não Nasceu: Breves Considerações Sobre Uma Tendência Dominante Na Interpretação Do Universo Umbandista*, Salvador, 2009;

ROSE, Isabel Santana de. *Espiritualidade, terapia e cura: um estudo sobre a expressão da experiência no santo daime*. Santa Catarina, 2005. 144 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, 1985;

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Volume 6, Número 11. UFGD: Dourados, 2012;

SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia. The University of Pennsylvania Press, 1985;

SIMMEL, George. *A natureza sociológica do conflito*, in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983;

TOWNES, Nelson. *Umbandaime, a nova religião*, 2010. Disponível em: <<http://www.gentedeopinioao.com.br/lerConteudo.php?news=58427>> Acesso em 4 janeiro 2015;

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*, tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis-RJ, Vozes, 1974;

_____. *Floresta de símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*, tradução Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, Niterói-RJ, 2005;

_____. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1988.